

USA TODAY
BESTSELLING AUTHOR

Dawn
Brower

Nunca
Desafie
uma
Raposa





NUNCA DESAFIE UMA RAPOSA

DAWN BROWER

CONTENTS

AGRADECIMENTOS

Prologue

1. CAPÍTULO UM
2. CAPÍTULO DOIS
3. CAPÍTULO TRÊS
4. CAPÍTULO QUATRO
5. CAPÍTULO CINCO
6. CAPÍTULO SEIS
7. CAPÍTULO SETE
8. CAPÍTULO OITO
9. CAPÍTULO NOVE
10. CAPÍTULO DEZ
11. CAPÍTULO ONZE

Epilogue

Sobre A Autora

Livros de Dawn Brower

Como Beijar uma Debutante

Dawn Brower

CAPÍTULO UM

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como real. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Nunca desafie uma raposa. Direitos Autorais © 2021 Dawn Brower

Arte de capa por Midnight Muse

Edições por [Victoria Miller](#)

Tradução Elaine Lima

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida eletronicamente ou impressa sem permissão por escrito, exceto no caso de citações breves incorporadas em resenhas.

Para todos aqueles que são a rocha de todos ao seu redor, aquela pessoa com quem todos podem contar, os inabaláveis, incansáveis, a pessoa de honra que sempre garantem que tudo, de alguma forma, fique bem.

Este livro é para você. Que todos aqueles que dependem de ti saibam que, algumas vezes, você também precisa de ajuda.

AGRADECIMENTOS

É aqui que agradeço de todo o coração à minha editora e artista de capa, Victoria Miller. Ela me ajuda mais do que eu posso expressar. Eu aprecio tudo o que ela faz, ela me incentiva a ser melhor... fazer melhor. Te agradeço imensamente.

Obrigada também a Elizabeth Evans, por sempre estar lá por mim e ser minha amiga. Você significa muito para mim. Agradecer não é o suficiente, mas é tudo o que tenho, então obrigada minha amiga por ser você.

Agradeço também uma das minhas melhores amigas: Samantha Morris. Gratidão por ler e revisar este livro.

PROLOGUE

OS RAIOS rachavam e iluminavam o céu noturno, clareando o cômodo mais do que a luz das velas. O som de um trovão ecoou através do silêncio que permeava o quarto. Era final de março, mas poderia ser pleno inverno que mesmo assim, Lady Wilhelmina Neverhartt, ou Billie, como era chamada por sua família e amigos, não se importaria. Ela tinha coisas mais importantes com que se preocupar. Ela engoliu em seco e deu mais um passo em direção à sua mãe que estava enferma na cama. Seu pai, Richard Neverhartt, Conde de Sevilha, não tinha sobrevivido, a doença o levou horas mais cedo. Sua mãe, Augusta, Condessa de Sevilha, parecia que perderia a batalha e que logo se juntaria ao seu marido na outra vida.

— Billie — sussurrou sua irmã, Theodora, ou Teddy, como era chamada. — Não entre.

— Eu tenho que entrar... — respondeu Billie, mas até mesmo ela podia ouvir o medo em sua voz. Nenhuma delas queria testemunhar o último suspiro da sua mãe. Seja lá qual fosse a doença que os pais delas haviam trazido com eles de sua viagem, parecia mortal, e temiam que elas poderiam ficar doentes também... Billie engoliu em seco mais uma vez. Ela tinha que ser forte. Logo ela seria responsável por si mesma e seus quatro irmãos.

Damon, o mais novo de todos com apenas três e dez anos, herdou o título de seu pai. Não que isso fosse algo bom, pois eles haviam sido destituídos da propriedade. Foi por isso que o pai deles havia viajado para outro país. Ele tinha se envolvido em algum investimento que lhe prometera uma virada de sorte. Billie estava quase certa de que seu pai esperava um resultado muito diferente que as mortes de sua esposa e de si mesmo. Ele acabou por

condenar todos eles. Ela se virou para sua irmã e disse em um tom firme: — Teddy, vá e certifique-se de que Carly e Chris não venham aqui. Não podemos pôr elas em risco de contrair esta doença. Damon está dormindo, graças aos céus.

As gêmeas, Carolina e Christiana, eram ambas teimosas e tinham dificuldades em seguir instruções. Teddy era tímida e introvertida. Ela provavelmente não seria capaz de convencê-las a permanecerem em seus quartos. Chris era mais propensa a fazer o que quisesse. Já Carly poderia ouvir a voz da razão.

— Eu tentarei — disse Teddy em voz baixa. — Mas você sabe como elas são... — A voz dela falhou. Ela mordiscou seu lábio inferior, apreensão quase transbordando dela enquanto olhava em direção ao quarto em que sua mãe estava. — Você realmente precisa entrar lá?

— Preciso — insistiu ela. — Agora vá lidar com nossas irmãs impetuosas. — Billie não conseguiria lidar com todos eles e a morte certa de sua mãe. Ela precisava que Teddy a ajudasse com isso.

Teddy assentiu e afastou-se de Billie. Ela deu outro passo cauteloso em direção ao quarto, ao mesmo tempo em que um raio iluminou o caminho que ela deveria fazer. O som de trovão que veio em seguida a fez pular, mesmo que aquilo fosse esperado. Lentamente, ela se forçou a avançar até que se aproximou da cabeceira de sua mãe. Seu cabelo loiro parecia quase tão branco quanto o travesseiro debaixo de sua cabeça. Sua pele tinha perdido toda a cor e seus lábios estavam secos e rachados. Ela tomou um fôlego raso que quase parecia crepitar e chiar cada vez que o ar comprimia em seus pulmões. Suas bochechas tinham afundado e se tornaram mais pronunciadas com sua perda de peso. A mulher deitada na cama era sua mãe, mas ela parou de se parecer com a mulher que a havia criado dias... não, semanas atrás.

— Mamãe — disse ela. A palavra mal foi audível quando passou por seus lábios. Billie engoliu e tentou de novo, mais alto desta vez. — Mamãe, estou aqui com a senhora.

A pálpebra da condessa se abriu e ela se virou para Billie. Os olhos de sua mãe estavam vidrados, quase desfocados, enquanto ela a olhava. — Billie?

— Sim, mamãe — respondeu ela. Ela deveria tocá-la? Colocar a mão sobre a dela? Billie não tinha ideia de como agir em torno desta criatura frágil que era a sua mãe. Ela não tinha experiência com morte ou doença. Billie estava com medo de fazer o movimento errado ou piorar as coisas, se é que fosse possível piorar mais. — O que... — Billie respirou fundo. — Diga-me o que a senhora precisa.

— Aproxime-se um pouco mais.

Billie cuidadosamente deu outro passo. Não havia muita distância entre ela e a condessa agora. Talvez se ela de alguma forma se dessensibilizasse daquela visão, pudesse suportar isso. Pelo menos por um tempo... já que não havia mais criados para ajudar. Todos tinham ido embora assim que perceberam o quão doentes estavam o conde e a condessa. Nenhum deles queria correr o risco de adoecer, e bem, também não havia mais fundos para pagá-los. A tarefa de cuidar dos dois passou a ser responsabilidade de Billie, e acabou por drenar cada gota de energia que ela possuía.

Ela estava pronta para desistir, pois já havia perdido o pai, mas ainda tinha esperanças que houvesse uma chance de salvar sua mãe. Por algum milagre, nem ela, nem seus irmãos adoeceram, mas isso não significa que isso não aconteceria. Eles ainda podiam e ela orou para que esse destino não recaísse sobre eles.

Sua mãe moveu a mão em direção a Billie. — Sinto muito por tornar as coisas tão difíceis para você. — Billie preferiu não

mentonar a morte do seu pai. Aquilo poderia ser um golpe muito forte para sua mãe no momento. Ela já estava lutando com todas as forças que possuía e não precisava saber que o conde tinha perdido sua batalha. — Mas receio que ficará ainda mais difícil com o passar dos dias. — Sua respiração chiou. — Eu não quero morrer... — Sua voz tremeu um pouco ao dizer isso.

Lágrimas ameaçaram cair, mas Billie as controlou. Ela poderia chorar mais tarde na privacidade de seu quarto.

— Mas a morte está aqui para me reivindicar. Eu sinto muito, muito mesmo — disse a condessa. — Eu não tenho como expressar o quanto lamento, e nada que eu diga tornará isso melhor. Ele foi um tolo, o seu pai, e eu fui ainda mais por segui-lo até aquele país abandonado. Nós dois estamos pagando esse preço agora.

Billie teve ainda mais dificuldade em lutar contra as lágrimas. — Está tudo bem, mamãe.

— Não está — disse ela. — Mas você é um amor por dizer isso. Gostaria que pudéssemos ter deixado algo, qualquer coisa, para ajudá-la nos tempos difíceis que virão. Não precisa me dizer que seu pai não está mais neste mundo. Eu senti quando ele partiu, e logo me juntarei a ele.

— Sinto muito — sussurrou Billie, que nunca esperaria que sua mãe confessasse tal coisa. Ela nem sabia que algo assim era possível... — Eu não queria sobrecarregá-la com a verdade.

Os lábios de sua mãe se ergueram em um minúsculo sorriso. Ela mal conseguia mantê-los inclinados para cima e doía testemunhar essa falta de força. — Você é uma garota resiliente e corajosa. Precisarás ser mais forte do que eu jamais fui e lutar por você, e seu irmão e irmãs. Eles dependerão de você. Queria que tivesse sido diferente. Procure o Duque de Graystone, ele é padrinho de seu pai e vai ajudá-la.

Pouco depois dessas palavras, sua mãe deu seu último suspiro. Uma lágrima solitária rolou pelo rosto de Billie. Ela tinha a sensação de que não gostaria de como o Duque de Graystone os ajudaria em suas dificuldades, mas tinha que reunir toda a força que podia e lidar com isso. Era o que a mãe dela esperava que ela fizesse e o que os irmãos precisavam. Ela não podia mais viver sua vida por si mesma, e uma parte dela odiou os pais por deixá-la com tantas complicações para superar. Eles eram egoístas e deixaram ela sem outra escolha a não ser o papel de irmã mais velha de quem todos dependiam. A sua vida não era mais dela, se é que alguma vez tivesse sido...

CAPÍTULO UM

Um mês depois...

BILLIE OLHOU para a mesa de mogno ornamentada e franziu a testa. Ela queria estar em qualquer outro lugar que não a sua localização atual. O duque de Graystone ainda não tinha aparecido e ela achou estranho que seu mordomo a tivesse levado ao que ela presumia ser o escritório de Sua Graça. Ela *tinha* vindo para pedir ajuda ao duque, então talvez de alguma forma o mordomo soubesse disso.

Onde estava ele? Ela se mexeu na cadeira. A cadeira era dura e ela não conseguia encontrar uma posição confortável. Com sorte, o duque não demoraria muito. Embora ela tivesse que admitir que temia a conversa que viria. Billie odiava implorar, mas não tinha muita escolha. Se o duque se recusasse a ajudá-los...

Ela engoliu em seco. Billie não conseguia sequer pensar nisso. O duque os ajudaria. Sua mãe disse-lhe para vir até ele, mas ela adiou o máximo possível. Esta era sua última chance. Os credores levaram tudo o que não havia sido pregado. Eles não podiam tomar

a propriedade de Seville porque estava vinculada ao título, mas não havia mais como arcar com sua manutenção. Eles já não tinham como se alimentar ou continuar a sustentar o básico de suas necessidades.

Barulho de algo se movendo ecoou atrás dela. Ela se virou na direção do som quando um homem idoso entrou na sala. Ele tinha cabelos brancos nas laterais da cabeça e um topo careca brilhante. Seu estômago se projetava para fora e pendia baixo sobre as calças. Os botões de seu colete pareciam que iam estourar se ele respirasse com muita força. Ele tinha uma bengala de madeira na mão esquerda que raspava no chão enquanto ele se movia em direção a ela.

— Olá, querida — disse ele. Sua voz estava um pouco fraca enquanto falava e ela teve que se esforçar um pouco para ouvi-lo.

— Olá — disse ela modestamente. Billie não sabia o que mais ela deveria dizer, mas aquilo pareceu um pouco estúpido e repetitivo. Ela limpou a garganta. — Quero dizer... como o senhor está, Vossa Graça? — Não muito melhor, mas teria que servir.

— Estou bem. — Ele arrastou os pés e bateu com a bengala no chão enquanto se movia para seu assento atrás da mesa. Assim que alcançou sua cadeira, ele se abaixou gradualmente. Foi doloroso de assistir. Depois que ele se acomodou, ele voltou sua atenção para ela. — Fiquei triste ao saber da morte do seu pai. Se eu pudesse ter comparecido ao funeral, estaria lá. Mas minha saúde não é o que era antes.

Ela acreditou nisso. Testemunhando seu andar lento, Billie poderia jurar que quase podia ouvir seus ossos rangendo a cada passo que ele dava. — Está tudo bem, Vossa Graça, foi um funeral pequeno. — Eles não podiam pagar nem por isso. Se eles tivessem sido forçados a fazer um funeral maior, ela estaria aos pés do duque

implorando no mesmo dia. — É melhor o senhor não se sobrecarregar. Meu pai teria entendido. — Seu pai era egoísta até o âmago e provavelmente teria amaldiçoado a negligência do duque, mas ela não expressou esse sentimento.

O duque tossiu. — Você está esperando há algum tempo e não desejo mantê-la mais tempo do que o necessário. O que a traz por hoje?

Billie não tinha certeza se estava feliz por ele ter decidido dispensar as sutilezas sociais ou irritada por ele não querer ter uma conversa agradável com ela. Embora, pensando bem, ela realmente não desejava passar mais tempo em sua companhia do que o necessário. Havia um odor estranho no cômodo que ela temia vir dele, considerando que ela não o tinha notado antes de ele entrar.

— Antes da minha mãe... — Ela respirou fundo, fortalecendo-se. — Minha mãe disse que se eu precisasse de ajuda deveria vir até o senhor. — Billie rezou para que ele não a mandasse embora por ter pedido ousadamente por caridade. Doeu ter que procurá-lo. Se ela pudesse ter encontrado outra maneira, ela teria.

— Disse? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Augusta sempre acreditou no melhor de mim.

O que isso queria dizer? — Minha mãe via o lado bom de todos. — Caso contrário, ela nunca teria se casado com o pai de Billie, ou o seguido aonde quer que ele fosse. Ela poderia ainda estar viva se tivesse ficado em casa.

— Isso é verdade — disse o duque. Ele inclinou-se para frente, colocando os cotovelos na mesa, depois juntou os dedos. — Diga-me, Lady Wilhelmina, por que devo ajudá-la?

Billie deveria ter esperado essa pergunta, mas aquilo a pegou de surpresa. Ela não tinha ideia de como responder. Sua mãe disse

que o duque os ajudaria. E se ela estivesse errada? — Minha mãe...

— Não sabia das coisas — interrompeu o duque. — Ela nunca deveria ter presumido nada.

Eles estavam condenados. O duque não os ajudaria. As lágrimas ameaçaram cair, mas ela as conteve. Este homem odioso não a reduziria a uma idiota chorona. — Então, o senhor não vai ajudar a mim e aos meus irmãos? Vai nos deixar morrer de fome? Ou algo pior...

— Eu não sou responsável por você ou sua família. Minha obrigação era para com seu pai, o pouco que fosse, e com a morte dele essa obrigação, em minha opinião, acabou.

Ele era um homem odioso. — Percebo. — E ela realmente percebeu. O egoísmo do duque superava mil vezes o de seu pai. — Me desculpe por ter perdido o seu tempo. — Ela se levantou e se curvou para se afastar dele.

— Eu nunca disse que não ajudaria.

Billie parou e virou-se para ele. — Depois do que o senhor me disse, isso ficou claro. Por que eu acreditaria no contrário?

— Podemos chegar a um acordo. — Ele gesticulou em direção ao assento. — Você tem algo de que preciso muito e, se concordar, vou apoiar o resto da ninhada que Oscar e Augusta geraram.

Ele olhou para ela e lambeu os lábios, quase como se sua refeição ou sobremesa favorita tivesse sido colocada diante dele. O estômago dela revirou. — O que o senhor precisa que eu faça? — Billie tinha a sensação, bem lá no fundo, de que não gostaria do que ele tinha a dizer.

— Sente-se — ordenou ele. — Isso não é algo que devemos discutir com você pairando sobre mim.

Ela dificilmente estava fazendo tal coisa. Billie não estava nem perto dele, no entanto, ela fez como ele instruiu e acomodou-se na cadeira desconfortável. — Agora que fiz o que o senhor pediu, pode explicar o que quis dizer?

— É realmente simples — começou ele. — O canalha do meu sobrinho é o meu herdeiro e prefiro que ele não herde minha propriedade.

O estômago de Billie despencou com essas palavras. — Então o senhor quer que eu...

— Case-se comigo e tenha um filho meu. — Ele terminou por ela. — Eu posso obter uma licença especial hoje e podemos consumir o casamento esta noite. Minha falecida esposa não cumpriu sua obrigação, mas não tenho dúvidas de que você se sairá bem. Sua mãe teve cinco filhos. Certamente você pode ser capaz de gerar um.

A última coisa que Billie queria era se casar com um homem velho e só a ideia de deixá-lo tocá-la... Seu estômago revirou novamente. Seria horrível. Mas de alguma forma, ela teria que passar por isso. Esta era a única maneira que ela tinha para salvar sua família. — Tudo bem — concordou ela antes que mudasse de ideia e saísse correndo da casa gritando.

— Bom — sorriu ele. — Você e eu vamos nos divertir muito juntos.

Billie duvidava muito disso...

O CASAMENTO ESTAVA PROGRAMADO para acontecer em menos de uma hora. Billie estava perto de perder o pouco conteúdo

de seu estômago.

— Não faça isso — pediu Teddy. — Encontraremos outra maneira.

— Não há outra maneira — disse Billie com firmeza. — Preciso fazer isso. Dessa forma, Carly, Chris e você poderão fazer conexões fabulosas. Damon poderá estudar em Eton. — Ela forçou um sorriso em seu rosto. — Isso vale qualquer preço que eu tenha que pagar e, pelo menos, serei uma duquesa. — Ela não pensaria na noite de núpcias. O duque certamente a esmagaria em seus esforços para semear um filho nela.

— Talvez você tenha sorte e o velho duque morra logo — disse Carly.

— Isso seria uma bênção — concordou Chris e então olhou para Billie. — Quais são as chances de isso acontecer?

Billie gostaria de poder dizer às irmãs que tudo ficaria bem, mas ela não acreditava totalmente nisso, então ela não podia expressar essas palavras. Todos eles já haviam sofrido muito, mas Billie... o sofrimento dela continuaria. Sua única esperança era que com isso o resto deles seguiriam em frente e teriam um futuro melhor. Ela balançou a cabeça e suspirou enquanto a enormidade de sua situação a esmagava. — Não antes de eu ter que sofrer a consumação — disse ela secamente. — Minha sorte não é tão boa.

As gêmeas riram. — Pelo menos você ainda tem senso de humor. Você vai precisar dele para aguentar estar casada com aquela cabra velha — disse Chris. — Eu realmente queria que você não tivesse que fazer isso.

Billie também. — Não há outra escolha. — O seu estômago roncou. Ela provavelmente ainda vomitaria... — Todos nós ficaremos bem. — E o duque era velho. Quem sabe ela seria capaz de ter um segundo casamento baseado no amor, não na

necessidade. — Eu prometo que nenhuma de vocês terá que fazer esse tipo de sacrifício.

Teddy deu um passo a frente e colocou os braços em volta de Billie. — Eu te amo e quero o melhor para você. Por favor, não faça isso. Eu quero que você seja feliz e você nunca será feliz casada com um velho que só quer te usar. — A voz dela tremeu um pouco ao dizer isso. Claramente, ela estava lutando contra as lágrimas.

— Você está certa — disse ela, enquanto abraçava a irmã com força. — Não serei feliz como esposa dele. Pelo menos não da maneira que você está sugerindo. O que me deixará feliz é saber que minhas irmãs e meu irmão estão seguros e bem cuidados. E que eu posso fazer isso acontecer. Pesei o custo e considereei que valia a pena seguir este caminho. Não fique triste por mim.

— Não posso evitar — respondeu Teddy. Ela deu um passo para trás e enxugou as lágrimas dos olhos.

Uma batida ecoou pelo quarto. — O vigário está aqui e pronto para realizar a cerimônia — disse o mordomo. — Se a senhorita me seguir, eu mostrarei o salão. Sua graça não gosta de ficar esperando.

Mas ele não tinha nenhum problema em fazer os outros esperarem... Billie, no entanto, não disse essa parte em voz alta. Ela assentiu e seguiu o mordomo, com suas irmãs atrás dela. Logo ela faria votos de honrar e obedecer a um homem sobre o qual ela mal conhecia. Ele teria poder sobre ela e o usaria em sua vantagem. Ela odiava sequer a ideia de entregar-se a ele. Não que sua mãe a tivesse informado sobre os detalhes do leito conjugal. Curiosa, Billie lera algumas coisas em revistas médicas e topou com um livro bastante embaraçoso com esboços interessantes no escritório de seu pai. Ela não entendia muito bem como era possível fazer algumas daquelas posições em particular, mas os detalhes não

importavam. Pelo menos não aqueles. As informações relativas à geração de crianças sim. Então, ela entendeu que teria que deixá-lo colocar seu membro dentro dela. Isso não significava que ela tinha que gostar, e ela duvidava muito que gostasse.

Billie não achava que gostaria de fazer aquilo com ninguém, mas supôs que amar o homem que faria isso com ela poderia ajudar. Se o amor fosse algo possível de ser alcançado... Parte dela não acreditava no amor, pelo menos não para si mesma. Talvez fosse o melhor. Talvez ela devesse fazer uma promessa a si mesma... de nunca se apaixonar, e nunca permitir que um homem tomasse o seu coração a fizesse querer jogar a cautela ao vento. Ela não cometeria o erro de sua mãe.

Não havia decorações ou indicação de que um casamento seria realizado no salão. O duque estava ao lado de um homem muito mais jovem, mas ainda mais velho do que Billie. Se ela fosse adivinhar, o vigário era mais próximo da idade de seu pai. O duque era facilmente três décadas mais velho, provavelmente mais, que seu pai.

— Bom — disse o duque. — Você está aqui. Agora podemos começar. — Ele fez um gesto para que Billie se juntasse a eles.

— Estou pronta — murmurou ela. Embora ela não estivesse de verdade. Ela se aproximou do duque e do vigário. Suas irmãs também estavam lá, mas tudo começou a ficar em segundo plano. Se ela tivesse alguma chance de sobreviver à cerimônia, não poderia se permitir pensar muito nisso.

O casamento passou como um borrão, porque ela empurrou todos os seus medos para o lado e apenas seguiu em frente. Ela estava abrindo mão de sua vida e depois disso nada mais seria o mesmo. — Eu os declaro marido e mulher — disse o vigário. — Que o Senhor abençoe seu casamento por muitos anos.

Billie esperava que não. Se possível, ela esperava que sua parte neste casamento terminasse no primeiro ano e ela não tivesse que suportar a atenção do duque depois disso. Embora ele possa querer tentar ter um sobressalente. Deus a ajudasse se ele quisesse...

— Agora que as formalidades terminaram — começou o duque. — É hora da parte divertida. Eu te encontrarei em seu quarto.

— Tão rapidamente? — Seu intestino deu um nó. Ela esperava pelo menos um pequeno adiamento. Ela não tinha nenhum desejo de retornar ao que seria seu quarto para o resto de sua vida, ou, pelo menos, enquanto o duque vivesse. Era um quarto bom o suficiente, mas era de certa forma desagradável. Naquele aposento ela teria que suportar as atenções do duque.

— Já é noite — disse o duque. — Não há razão para esperar.

Ela engoliu em seco e seguiu uma criada até seu quarto. Billie perdeu toda a capacidade de pensar quando a criada a ajudou a se despir. Quando seu vestido foi removido e Billie ficou sozinha apenas de camisola, o duque entrou na sala. Ele usava um manto que mal cabia em sua cintura robusta. — Saia — ordenou ele à criada. Ele estendeu a mão para Billie. — Deixe-me ver pelo que eu paguei. — Sua respiração estava pesada e áspera enquanto ele se movia em direção a ela. A cada passo que dava, seu rosto ficava cada vez mais vermelho, com as bochechas mais coradas.

Ela queria dar um passo para trás, mas sabia que não podia. Billie fechou os olhos e se preparou para suas apalpadelas. Ela podia aguentar isso. Ela podia... e se ela continuasse dizendo isso a si mesma, talvez ela chegasse ao fim inteira.

Ele engasgou e então um alto *Tum* soou pelo cômodo. Billie abriu os olhos e olhou para o duque caído no chão. Seu rosto tinha perdido toda a cor, o que era inacreditável considerando o quão vermelho ele estava há poucos momentos, e ele não parecia como

se... como se estivesse respirando. — Sua Graça? — Sua voz falhou enquanto ela pronunciava essas duas palavras.

Ele não respondeu. Billie abaixou-se e verificou sua respiração. Oh Deus... ele estava morto. O que diabos ela faria agora? O casamento nunca foi consumado... uma parte dela ficou aliviada por isso e a outra... apavorada. Ela não tinha nenhum direito real e o homem que herdaria o título poderia muito bem despejá-la, assim como sua família. Se isso acontecesse, ela não sabia o que faria. Era bastante inconveniente que o velho tenha morrido logo depois de se casar com ela. Talvez ela não devesse dizer nada ao novo duque. Não, ela não poderia fazer isso. Se ele perguntasse, ela teria que ser honesta com ele. Seu casamento mal era válido, e a morte do duque a deixou exatamente onde ela havia começado... sem absolutamente nada.

CAPÍTULO DOIS

ZACHARY WARD, o novo duque de Graystone, descansava nas poltronas de veludo de sua carruagem enquanto se dirigia à sua nova propriedade para reivindicar sua herança e determinar o estado dos negócios do ducado. A residência ducal provavelmente tinha luxos semelhantes àquela carruagem, não que ele soubesse disso em primeira mão. Seu tio nunca o convidou para visitar o castelo de Graystone ou mesmo jantar com ele em sua casa em Londres. Não era segredo que ele odiava Zach e desejava ter seus próprios filhos para passar seu título.

Não era surpresa que o velho tivesse se casado com uma jovem dama, que nem mesmo convivia na alta sociedade, para tentar gerar o herdeiro tão desejado. A única coisa que surpreendeu Zach foi ele não ter se casado antes. A ex-duquesa morrera há um ano. Certamente seu tio poderia ter encontrado uma maneira de contornar o período de luto para se casar mais cedo... Talvez ele tenha tido problemas para convencer uma jovem a se casar com ele. O que ele teve que fazer para convencer sua nova noiva a se casar? A ideia de ser duquesa era suficiente para levá-la aos laços do matrimônio? Tinha que haver algo porque Zach apostaria sua

fortuna considerável, que agora incluía a propriedade ducal, que este não tinha sido um casamento por amor.

De qualquer forma, ele mal podia esperar para conhecer a noiva mercenária de seu tio. Era assim que ele a imaginava. Nenhuma dama que fosse bondosa, compassiva ou normal teria se casado com o seu velho tio lascivo. Duque ou não, o duque anterior de Graystone não era um homem bom.

A carruagem continuou a chacoalhar ao longo da estrada. Ele estaria em sua nova propriedade em breve e finalmente seria capaz de avaliar a noiva de seu tio. Ela provavelmente insistiria em usar seu status de duquesa e gostaria de ser chamada de “Sua Graça”. Só por princípios, ele já não gostava dela. Zach odiava mulheres que só se preocupavam com sua posição na sociedade e torciam o nariz para aqueles que acreditavam ser inferiores a elas.

Ele tinha convivido com esse tipo o suficiente quando era menino. Sua mãe era governanta quando conheceu seu pai. Eles tiveram um casamento por amor, por todo o bem que isso lhes fez... O avô de Zach praticamente deserdou o filho quando ele se casou com alguém tão abaixo dele. Ele cortou todo o acesso aos fundos e deixou os pais de Zach para se defenderem sozinhos. Era por isso que seu tio o odiava. Ele acreditava que seu sangue estava contaminado pela linhagem de sua mãe, mas como seu pai, Lord Andrew Ward, nunca foi oficialmente deserddado, isso fez de Zach o herdeiro de seu tio. Não que ele quisesse ser o próximo duque. Zach não queria o título ou as responsabilidades que o acompanhavam, mas uma parte dele não conseguia evitar a alegria que sentiu com a ideia de que seu tio estava se revirando em seu túmulo agora.

Ele já possuía dinheiro o bastante por si mesmo. Seu pai tinha feito alguns bons investimentos e, quando morreu, Zach assumiu o

controle da empresa e triplicou esse valor. Ele esperava que a propriedade ducal fosse tão boa quanto ele tinha sido levado a acreditar. Ele odiaria se isso começasse a drenar os próprios fundos, que ele tinha batalhado tanto para obter, só para sustentá-lo. Ele descobriria em breve de qualquer maneira.

Zach olhou pela janela. Uma grande propriedade, na verdade um castelo, assomava à distância. Eles estavam muito mais próximos do que ele havia pensado. Ele esfregou as mãos. Logo ele daria uma olhada nos livros de contabilidade... e na duquesa residente. Ele mal podia esperar para enxotá-la pelo traseiro. O duque não deixou muitas provisões para sua esposa. Ele não teve tempo de fazer um novo testamento e o que ele havia feito anteriormente também não tinha sido vantajoso para a duquesa anterior. Sua esposa poderia viver na residência da viúva, assim como todas as duquesas viúvas faziam, e viver à mercê do capricho da generosidade do atual duque. Ela teria uma pequena pensão e nada mais para gastar. Zach não queria nada com ela ou seus objetivos perversos. Ele não acreditava que acabaria inclinado a alargar a bolsa de moedas dela.

Não demorou muito para que a carruagem parasse do lado de fora do castelo de Graystone. Quando parou, Zach se preparou para sair. Um laçao abriu a porta e ele deslizou para fora com facilidade.

— Vossa Graça — cumprimentou o laçao. — Estamos felizes por ter o senhor aqui.

Claro que eles estavam. Afinal, ele era a fonte da renda deles. Zach assentiu e dirigiu-se para a entrada. Ele não tinha mais nada a dizer a ele. A porta se abriu quando ele se aproximou dela. Um homem com cabelos escuros e mechas grisalhas nas laterais estava do outro lado. O mordomo empertigou-se e manteve seu olhar focado em algo distante de Zach. — Vossa Graça — cumprimentou

ele. Demoraria um pouco para Zach se acostumar com seu novo título.

— Bentley? — perguntou ele. Zach havia se correspondido com o mordomo algumas vezes desde a morte de seu tio. Ele não compareceu ao funeral porque não se importou muito que o velho tivesse falecido. Ele também não pretendia respeitar o período de luto. Zach não chorou por seu tio e nunca faria isso. O mundo estava muito melhor sem ele.

— Sim, Vossa Graça — disse Bentley. — Estou feliz que o senhor chegou em segurança. — Todos eles estavam tão felizes em vê-lo... era quase nauseante. Eles o estavam bajulando como se ele fosse da realeza. Era possível que ele estivesse sendo muito duro com eles. Afinal, eles eram a criadagem. Era isso que eles deveriam fazer. Embora ele duvidasse da veracidade de suas reações.

— Onde está a nova noiva do meu tio? — Zach queria colocar o lixo para fora o mais rápido possível. Se ele conseguisse, ela estaria instalada na Casa do Viúva antes do anoitecer.

— Creio que ela está na sala de estar com as irmãs. — O mordomo apontou para o longo corredor. — Ela geralmente toma chá com elas a essa hora do dia.

Certo... — Leve minhas malas para os meus aposentos. Espero que tenham sido devidamente preparados para a minha chegada.

— Certamente senhor — respondeu o mordomo. — Os aposentos ducais foram limpos e toda a roupa de cama substituída como o senhor especificou.

— Bom. — Ele não queria nenhum vestígio de seu tio deixado naquele quarto. Zach esperava que tivesse mais mudanças a fazer, mas ele não sabia o que isso implicaria até que examinasse os aposentos. — Agora, conhecerei a minha nova tia. Depois, gostaria

que você me encontrasse no escritório do meu tio. Há muito para discutirmos.

— Como quiser, Vossa Graça. — Ele fez uma reverência. — Cuidarei de seus baús agora.

Zach assentiu e depois foi para o corredor para encontrar a esposa de seu tio. A risada ecoando da sala em que ela estava viajou pelo corredor. Elas pareciam estar se divertindo. Ele parou na entrada e olhou, encantado. Havia quatro moças loiras lá dentro, em uma faixa etária entre 15 e 20 anos, se ele arriscasse um palpite. Duas gêmeas idênticas, as mais jovens, presumiu ele, estavam sentadas na espreguiçadeira com outra de suas irmãs. A mais velha estava sentada serenamente em uma cadeira azul que quase combinava com a cor de seus olhos. Havia um brilho travesso naqueles oceanos que o atraía mais do que ele esperava. Todas as quatro eram adoráveis, mas a mulher solitária na cadeira... ele a achou de tirar o fôlego, mas isso não o ajudaria em nada.

Ele limpou a garganta. — Perdoe-me, mas qual de vocês teve a ousadia de se casar com um idoso?

Todas as quatro pararam de falar e olharam para ele com a boca aberta. Ah, bom, ele tinha captado a atenção delas...

BILLIE ENCAROU O CAVALHEIRO PARADO, parecendo todo taciturno, na entrada do salão e perdeu toda a capacidade de pensar. Ele tinha que ser o homem mais bonito que ela já teve o privilégio de pousar os olhos. Ele tinha cabelos castanhos, beijados pelo sol e que reluzia algumas mechas de ouro vermelho vivo. Seus olhos eram da mesma cor da grama em um dia quente de verão. O

problema era que aqueles olhos verdes brilhantes estavam olhando para ela com nada além de desdém. Ele não gostava dela e ela não tinha ideia do porquê. Billie nem sabia quem ele era, mas ele parecia ter um problema com seu casamento recente. Isso só podia significar que ele... era o herdeiro. Ela tentou engolir enquanto um nó se formava em sua garganta. Seu estômago roncou e ela teve que resistir à vontade de levantar-se e andar pela sala para aliviar sua ansiedade crescente. — Creio que sou a pessoa que você está procurando. — Ela manteve seu tom leve e neutro. Ele pode ter invadido a sala com más intenções, mas ela não tinha que reagir da mesma maneira.

Ele entrou na sala e pegou uma xícara, em seguida, despejou chá nela. Ele bebeu o chá preto sem acrescentar nada a ele. Billie gostava do dela com ao menos um pouco de doce e quase se encolheu quando ele tomou um gole do chá puro. Ele colocou a xícara em um pires que segurava na mão e então a encarou. — Agora que bebi algo, podemos discutir sua situação.

— Perdão... — Ela olhou para ele, surpresa com suas palavras. — De que situação se refere? — Ele sabia o quanto ela estava desamparada quando se casou com o duque? Ele pretendia expulsá-la da casa? Não, ele não poderia. Ela era legitimamente a duquesa. Ninguém sabia que o casamento não havia sido realmente consumado e ela nunca admitiria isso. Os criados ou não estavam cientes de sua atual condição virginal, ou, caso soubessem, pareciam não se importar. Para eles, ela ainda era a duquesa e ela queria encorajar esse comportamento tanto quanto possível. O bem-estar de sua família dependia disso.

— Você não pertence a esta casa e você está bem ciente desse fato. — Ele tomou outro gole de chá. Em seguida, gesticulou em

direção às irmãs de Billie. — Parece que você mudou a família inteira para a minha casa. O que para mim não dará certo.

— Meu marido concordou que eles poderiam morar aqui — disse ela austeramente.

— Seu marido — começou ele. — Está morto. Esta não é mais a propriedade dele.

Ela abriu e fechou a boca várias vezes. O gesto estava se tornando um péssimo hábito. Ele continuava dizendo coisas terríveis. O homem não sabia falar de outra forma senão com tamanha franqueza? — Isso é verdade, eu suponho... — Parte dela estava começando a entender por que o velho duque não queria que este homem herdasse seu título. Ele era rude e arrogante.

— Bom — disse ele, colocando o chá e o pires na mesa. — Então estamos de acordo. Você fará as malas e partirá antes do escurecer.

— O que? — disseram suas três irmãs de uma só vez.

— Você não pode fazer isso — disse Billie a ele. Ela tinha que fazê-lo entender que eles não tinham para onde ir. Certamente ele não poderia ser tão cruel como parecia. — Esta é a nossa casa agora.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Verdade? Exatamente há quanto tempo está aqui. É do meu entendimento que seu casamento ocorreu há uma quinzena. Você se mudou antes de dizer seus votos?

— Não seja ridículo — zombou ela. — Que absurdo! Claro que não nos mudamos antes do casamento. — Bem, isso não era exatamente verdade. Eles tinham se mudado *no* dia do seu casamento, meras horas antes do casamento, mas ele fez parecer como se ela tivesse vivido lá meses antes de seus votos. — Isso

não nega o fato de que esta é a nossa casa agora. Nós não vamos a lugar nenhum.

Ele riu baixinho. — Só porque você quer?

— Sim — disse ela e ergueu o queixo desafiadoramente. Billie não desistiu de cada grama de seu orgulho para casar-se com um velho por nada. — Eu sou uma duquesa e pertenço a este castelo.

— Eu sabia que você diria algo assim. — Ele balançou a cabeça, nojo transbordando de sua voz enquanto ele falava. — Você não é diferente de todas as jovens debutantes se jogando no título mais alto na frente delas. Você se vendeu pelo maior lance e olhe para você agora. Sem marido e sem escolhas.

Ela ergueu o queixo quase desafiadoramente. Como ele ousa tratá-la assim! — Eu tenho muito mais escolhas agora do que eu tinha antes do meu casamento. — Pelo menos agora ela tinha algum dinheiro que pudesse contar. Embora ela não tinha ideia do quanto isso implicava.

— Você está à mercê da minha generosidade — informou ele. Ele acenou com a cabeça para suas irmãs. — Você e sua família, aparentemente. Sua pensão é uma ninharia, meu tio tinha pouca fé no sexo feminino. Se você quiser permanecer nesta casa, será com a minha permissão, e agora eu não vejo nenhuma razão para dar-lhe o que você quer.

Qualquer renda era melhor do que nenhuma. Billie sabia como era ser tão pobre a ponto de passar dias com fome. Tinha sido ruim antes da morte de seus pais, mas foi muito pior depois que os credores levaram qualquer coisa não pregada. Ela nunca mais queria passar por isso. Ele queria uma razão para ela e as irmãs ficarem... Bem, ela encontraria uma para dar a ele. Ela não tinha certeza do que poderia ser ainda, mas ela discerniria o melhor curso de ação. Tudo o que ela precisava era de um pouco mais de tempo.

— Diga-me o que você quer e talvez possamos chegar a um acordo... Eu farei o que você quiser. — Billie faria quase tudo por sua família. Ela já tinha se casado com um velho nojento. O que este duque poderia querer que seria mais desagradável do que isso?

Ele inclinou a cabeça para o lado e estudou-a. Havia uma expressão estranha em seu rosto, quase como se ele não tivesse certeza do que fazer com Billie, ou com o que ela tinha dito. Ele parecia... confuso. Ele balançou a cabeça, e então disse: — Tenha cuidado com o que você concorda sem saber os termos.

Este novo duque parecia pensar que poderia mandar nela. Ele descobriria em breve que estava errado.

— Falaremos mais depois. Temo que se eu disser o que eu quero que você faça por mim agora, você sairia daqui gritando. — Ele caminhou em direção à porta, parou e virou para ela. — Não fique muito à vontade. Eu ainda não estou convencido de que você deve ficar. — Com essas palavras de despedida, ele deixou Billie sozinha com suas irmãs. Elas permaneceram extraordinariamente quietas durante toda a troca de palavras, mas Billie tinha a sensação de que elas não ficariam assim por muito tempo.

CAPÍTULO TRÊS

ZACH INCLINOU-SE para trás em sua cadeira e suspirou. Os livros de contabilidade da propriedade estavam uma bagunça. Ele já tinha olhado três livros e ele ainda não tinha decifrado o sistema de contabilidade de seu tio. Nada daquilo fazia sentido. Ele teria que pedir a outra pessoa para dar uma olhada neles. Alguém em quem ele confiava.

Bentley estava sempre prontamente disponível, mas Zach não confiava nele. Ele era amigável e prestativo demais. Zach fingiu não notar sua ânsia excessiva. Em vez disso, ele esperava deixar o velho mordomo no escuro e deixá-lo acreditar que confiava nele implicitamente. Ele mostraria a mão eventualmente e então Zach saberia o que precisava fazer. As motivações do mordomo ainda não estavam claras e Zach precisava de mais informações antes que ele pudesse prosseguir.

Por enquanto, ele preferiu concentrar-se nos livros e tentar deixar o resto dos problemas que seu tio o deixou para outra hora. Como a viúva... Ele esperava uma jovem, mas não esperava alguém com a aparência tão adorável e inocente. Ela quase o fez esquecer de como respirar só com um olhar. Por alguns breves momentos ele perdeu a capacidade de pensar.

Talvez tenha sido assim que ela convenceu o tio a se casar com ela. Certamente seu tio tinha uma fila de damas dispostas a casar com ele pelo prazer de ser uma duquesa. Mesmo que tivessem que suportar as atenções de um velho gordo... Zach estremeceu. Uma imagem piscou em sua mente que ele não seria capaz de esquecer tão cedo e ele desejou que nunca tivesse considerado isso. A última coisa que ele queria era imaginar seu tio rotundo tentando ir para a cama com sua nova noiva. Foi a visão mais desagradável do mundo. Ele estremeceu novamente. Ele *tinha* que parar de pensar nisso.

— Você parece um homem que precisa desesperadamente de uma dose de conhaque. — Zach olhou para cima e encontrou o olhar de um de seus amigos mais íntimos, Sutton Brooks, o Marquês de Foxworth. Seu cabelo escuro estava desgrenhado e havia um brilho travesso em seus olhos verdes pálidos. Ele se inclinou contra a porta e cruzou os braços sobre o peito. — Estou errado? — perguntou ele.

Zach suspirou. — Como de costume, você avaliou a situação corretamente. — Ele precisaria de muito conhaque para esquecer o que ele estava pensando anteriormente. — Você chegou cedo. Eu não estava esperando que viesse até amanhã.

Fox deu de ombros. — Eu estava entediado. Sheffield e Carrolton também estão aqui. Eles estão se certificando de que o cuidador de cavalos sabe como cuidar adequadamente dos cavalos deles.

— Claro que estão... — disse Zach, depois sorriu. Seus outros dois amigos, Ezra Halsey, o Visconde de Carrolton e Wesley Cox, o Conde de Sheffield eram muito exigentes sobre como eles queriam que as coisas fossem feitas. Eles eram assim desde os tempos em Eton. — Eu trouxe um cuidador da cidade comigo. Você não acha

que eu deixaria ao acaso que o meu tio tivesse cuidadores de estábulos apropriados.

— Então não precisamos nos preocupar. — Fox atravessou a sala e puxou a cadeira mais próxima da mesa, em seguida, se jogou nela. — Como se sente com tudo isso?

— Com tudo o que? — perguntou Zach, um pouco confuso.

— Sabendo que agora você tem o título e que o velho bastardo não pode fazer nada quanto a isso. Você é o duque agora, e ele está a sete palmos do chão. Como é saber que o velho bastardo não conseguiu te deserdar? Ele está morto, enterrado e gritando no inferno com a injustiça.

— Isso é grosseiro da sua parte — disse Zach. — Mas provavelmente preciso, e ele tentou fazer algo quanto a isso. — Embora tenha agido tarde demais. A bela mulher que ele convenceu a se casar com ele pode na verdade estar aliviada. Ela não teria mais que suportar as mãos de seu tio. Ela provavelmente não tinha gostado da noite de núpcias. — Ele se casou novamente. — Ele afastou as imagens de sua cabeça. O que seu tio tinha feito com a noiva não era preocupação dele... mesmo que a ideia do velho tê-la tocado azedasse seu estômago. Não deveria. Infelizmente, ele não conseguia deixar completamente de lado a sua atração por ela.

— Alguma chance de ela estar *enceinte*? — perguntou Fox em um tom casual. — Há uma chance de ela ter um herdeiro na barriga, então você teria que entregar o título.

Ele franziu a testa enquanto considerava a pergunta do amigo. Zach não havia considerado isso. E se seu tio tivesse conseguido plantar sua semente em sua jovem noiva? Ele deveria ter perguntado... Bentley parecia certo de que Zach era o novo duque. Ele sabia de algo que Zach não sabia? Ele teria que discutir isso com a viúva. Se ela estava grávida, isso poderia mudar as coisas.

Era muito cedo para dizer, mas ele teria que ter uma conversa muito delicada com a viúva. — Duvido muito — disse Zach. — Ele morreu no dia do casamento.

Talvez o casamento não tivesse sido consumado... Ele não tinha certeza se havia uma maneira fácil de perguntar sobre isso. Ele rezou para que não tivesse sido. Deus! Ele tinha que parar de pensar nela e em sua noite de núpcias. Zach não queria que ela tivesse ido para a cama com seu tio. Não porque ele estava com medo de que ela estivesse carregando um herdeiro, mas porque ele... a queria. Ele odiava a ideia dela... ele engoliu em seco... com seu tio.

— Dia? — Fox arqueou uma sobrancelha. — Ou noite? Há uma distinta diferença. Se foi durante o dia, então eles não tiveram a chance de explorar as delícias do leito conjugal. — Ele deu uma piscadela. — Já eu prefiro aproveitar essa parte sem, você sabe, os votos de me amarrar para todo o sempre. Gosto de ser amarrado de maneiras muito mais agradáveis.

Zach revirou os olhos. — Eu prefiro não discutir seus encontros de má reputação. — Fox era o mais perverso dos quatro amigos. Ele não se importava com o que as pessoas pensavam dele. Se lhe agradava, ele fazia e não se desculpava por nenhum motivo. — E o resto não merece uma resposta. Não existe outro herdeiro. — Ele realmente não se importava com o título. Zach não precisava disso ou das dificuldades que administrar uma propriedade ducal lhe trariam, mas odiava a ideia de que seu tio pudesse vencer, afinal. Fox tinha que estar errado. A viúva *não podia* estar carregando o futuro herdeiro.

— Se você está disposto a acreditar nisso, então eu não tenho problemas em permitir que você acredite — respondeu Fox. — Quais são as chances de a jovem viúva considerar um pouco de

entretenimento? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Certamente ela não está de luto pelo velho.

Zach fechou os olhos e orou por paciência. Ele cerrou os punhos, tentado a bater em seu amigo por esse comentário. Depois de tomar algumas respirações calmantes, ele abriu os olhos e encontrou o olhar de Fox. — Deixe-a em paz. Ela já sofreu o bastante. — Os músculos de suas bochechas se contraíram enquanto ele lutava contra uma carranca. Por que diabos ele estava sendo tão protetor com ela?

— É por isso que eu pensei que ela poderia ter algum prazer de verdade. Não deve ter sido divertido suportar o leito conjugal com seu tio rotundo. — Ele estremeceu. Zach quase riu porque essa foi exatamente sua reação. — Eu poderia ajudá-la a esquecer essa provação.

— Não — disse Zach com firmeza, todo o humor que sentira em sua declaração anterior se dissipando instantaneamente. — Deixe-a discernir seus próximos passos sem a sua influência. Ela não precisa de nenhuma ajuda para encontrar o próprio caminho.

— Por que você está tão protetor quanto a ela? — Fox arqueou uma sobrancelha. — Ah, entendi. Você quer ir para a cama com ela. Tudo bem. Vou deixar que você fique com a jovem viúva.

Zach apertou a mandíbula. — Não foi isso o que quis dizer.

— Bom — respondeu Fox facilmente. — Então você não se importará se eu tentar.

Ele queria dizer não, mas se protestasse muito, Fox pensaria que ele a queria para si mesmo. O que ele não queria... Zach balançou a cabeça e disse: — De jeito nenhum. Eu só esperava um pouco de paz no castelo, mas se você quiser persegui-la, vá em frente.

— Obrigado por sua permissão. — Os lábios de Fox se curvaram para cima em um meio sorriso que irradiava maldade. Seu amigo estava tramando algo ruim, e Zach se recusou a se juntar a ele. — Eu pretendo me divertir.

— Faça isso. — Zach se levantou. — Vou verificar algumas coisas. Sirva-se à vontade do conhaque. — Ele gesticulou em direção ao decantador próximo. — E diga a Carrolton e Sheffield para se acomodarem também. Eu estarei de volta em breve.

Ele teria que garantir que seus quartos estivessem preparados, já que eles não eram esperados até amanhã, e isso daria a ele algum tempo longe de Fox. Com sorte, ele estaria muito mais calmo quando voltasse e a vontade de esmurrar seu amigo teria diminuído.

BILLIE OLHAVA FIXAMENTE para as rosas à sua frente. O castelo de Graystone tinha um jardim incrível e ela adorava a variedade de rosas que o jardineiro cultivava. Só pela serenidade do jardim, ela lutaria para ficar no castelo, mas não se isso colocasse sua família em uma situação embaraçosa. Ela não sabia o que o novo duque poderia querer dela para permitir que eles ficassem.

Após o encontro inicial, eles não se falaram novamente. O duque não tinha descido para jantar naquela noite e o momento foi repleto de tensão. Todos eles temiam o que poderia acontecer com eles se o duque os fizesse partir. Sua pensão poderia não ser o suficiente para sustentá-los. Ela tinha que encontrar uma maneira de convencê-lo de que eles deveriam ter permissão para permanecer em Graystone.

— Você está preocupada, não é? — perguntou Teddy baixinho.
— Sobre o que o duque quer, quero dizer.

— Não consigo parar de pensar nisso — admitiu Billie. Seu estômago doía e ela odiava não saber o que aconteceria. — Eu deveria procurá-lo e confrontá-lo. Toda essa suposição não está ajudando nenhum de nós.

— Mas se você pressioná-lo ele pode nos fazer sair mais cedo...
— Teddy franziu a testa. — Eu odeio isso, mas acho que você deveria esperar. Por que procurar problemas?

Billie andava de um lado para o outro ao longo do jardim. O que fazer, o que fazer... Ela parou na frente de um banco de pedra e sentou-se, então ergueu as duas mãos. — Você está certa, eu sei que você está, mas estou ficando um pouco louca por não ter uma direção clara.

Teddy se juntou a ela no banco e colocou a mão no braço de Billie. — Você tem que permanecer firme e ser corajosa. Chegamos até aqui. Você arriscou tanto para nos manter seguros. O que você estava disposta a fazer... — Teddy engoliu com força. — Eu não conseguiria ter feito isso. Casar com aquele velho... — Ela estremeceu. — Estou feliz que ele morreu e você não precisou...

— Eu sei que é errado — sussurrou Billie. — Mas eu também estou. — Ela estava preparada para deixar o duque levá-la para a cama, mas ela não estava nada ansiosa por isso, na verdade, Billie estava aterrorizada com a ideia. Graças a Deus ela não precisou que deixá-lo fazer o que ele queria com ela, e ela estava agradecida por não ter que gerar o filho dele. Assim foi melhor. Ela tinha o título de duquesa sem as partes revoltantes que ele traria. — Agora, temos que convencer o novo duque de que vale a pena nos sustentar.

— Dê-lhe algum tempo. Ele vai perceber que somos pessoas boas e não vai querer nos fazer mal — disse Teddy. — Ele não parecia tão devasso quanto o velho duque. — Ela inclinou a cabeça pensativamente... — Embora ele parecia ter um pequeno interesse em você. Talvez você possa usar isso a seu favor.

— Você está enganada. — Billie disse a ela. O novo Duque de Graystone não estava interessado nela. — Ele olhou para mim como se eu estivesse abaixo dele, como se a própria visão de mim o deixasse se sentindo mal. — Ela balançou a cabeça. — Além disso, eu nunca vou permitir que um homem me use. Quem me dera nunca ter ficado nessa posição com o homem com quem tive que casar. Foi um erro antes e seria um erro agora. Encontrarei outra maneira de garantir a nossa segurança.

Billie se odiava por ter concordado em se casar com um velho, um homem que tinha idade suficiente para ser seu avô. Às vezes ela até odiava a mãe por mandá-la por esse caminho. Ela tinha que saber em algum nível o que ele pediria a ela e disse-lhe para ir até ele de qualquer maneira. A mãe dela deve ter percebido que Billie faria o que fosse necessário para salvar a si mesma e seus irmãos. Billie esperava que ao menos não tivesse sido uma decisão fácil para sua mãe, assim como não foi para ela.

O novo duque, aquele belo diabo, pelo menos, estava mais próximo de sua idade. Ela adivinharia que ele não era mais do que oito ou dez anos mais velho que ela. Ele era lindo e ter que suportar seu toque poderia ser mais agradável, mas ela não concordaria com esse tipo de relacionamento para salvar sua família novamente. Tinha que haver um jeito melhor.

— Você tem razão — disse Teddy. — Sobre não se colocar nessa posição novamente. Mas você também está errada. O novo duque, ele deseja você. Dava para notar se você tivesse parado

para olhar. — Ela deu uma piscadela bem astuta. — Confie em mim, com o tempo, ele vai mostrar-lhe como se sente. — Ela disse em um tom brincalhão.

— Luxúria não é algo que me interessa. — Billie franziu a testa. Não importa se o duque a desejava. Ela deveria estar de luto pelo marido morto, e ela não queria nenhum tipo de relacionamento com um homem. Ela queria segurança, não desejo. — Acho que devemos entrar e checar as gêmeas. Eles são susceptíveis a causar problemas se deixadas sozinhas por muito tempo.

— Tudo bem — concordou Teddy. — Ignore tudo o que eu disse. Você acabará arrependendo-se de sua teimosia.

Billie sorriu. — Mas você me ama de qualquer maneira.

— Sempre — disse ela. — Vamos encontrar as gêmeas.

Eles se levantaram e foram para o castelo em silêncio. Billie esperava que sua irmã estivesse errada. Não havia nada entre ela e o duque. Tudo o que ela queria dele era permissão para permanecer no castelo. Certamente, ela poderia fazê-lo ver a razão e concordar com esse pedido tão pequeno...

CAPÍTULO QUATRO

BILLIE ESTAVA cansada do duque ignorá-la. Ela nem sabia como chamá-lo além de duque, ou Graystone. Não que isso importasse, mas de alguma forma a incomodava. Ela queria saber o nome dele e isso a incomodava, ela sabia pouco sobre este homem que tinha o futuro dela nas mãos. Se ela tivesse alguma chance de ganhar vantagem com ele, ela precisava de mais informações.

Talvez ela devesse falar com Bentley. Ele parecia saber tudo sobre a família do duque... do finado marido dela. Tudo o que Billie sabia, com certeza, era que o novo duque era sobrinho de seu falecido marido e que o velho duque não queria que ele herdasse o título. Isso deveria fazer com que ela se preocupasse, mas não fazia. Seu marido não tinha sido um bom homem. Ela percebeu o erro dela em pedir ajuda a ele tarde demais. Pelo menos ela poderia ser grata pela interferência do destino que salvou-a no último segundo.

Ela caminhou pelo corredor em um ritmo lento, sem nenhuma pressa particular para confrontar o duque. Tinha que ser feito, mas ela definitivamente não estava ansiosa por isso. Parte dela temia o que ela poderia ter que concordar para ganhar sua aprovação. Ela parou abruptamente quando viu outro cavalheiro que ela não

reconheceu caminhando em sua direção. Ele era bonito, mas não tão lindo quanto o duque. Ainda assim, ele certamente causava um rebuliço com as mulheres.

— Olá — disse ele, mostrando-lhe um sorriso encantador. — Você deve ser a jovem viúva.

Ela estreitou o olhar. — E como, por obséquio, você chegou a essa suposição? — Ele estava certo, mas aquilo a irritou.

— Você é jovem e a única fêmea que encontrei neste castelo em ruínas. Não seria preciso muito para deduzir que você deve ser a mulher que o velho bastardo ludibriou para se casar com ele.

— Eu posso ver por que você pôde presumir isso — começou ela, mantendo seu tom firme e despreocupado. — Sua habilidade de seguir um pensamento lógico é realmente surpreendente.

— Obrigado — disse ele jovialmente. — Eu me orgulho disso.

— No entanto — respondeu ela, não disposta a ceder à sua arrogância. — Você já considerou que você pode estar enganado? — Havia algo sobre este homem que a incomodava. Ele era muito alegre e muito seguro de si mesmo. Ela queria fazê-lo diminuir aquela energia irritante ao menos dois níveis, e ela não sabia quem ele era.

— Por que eu faria isso quando eu estou certo? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Estou certo, não estou?

Ela não falou por alguns momentos. Melhor deixá-lo duvidar de si mesmo por um tempo, isso lhe faria bem e talvez o ensinaria um pouco de humildade. — O problema com sua lógica é que você errou ao achar que sou a única mulher na residência.

— Você não é? — Ele franziu a testa. — Mas você é a viúva?

— Minhas irmãs também estão morando aqui no castelo e, temporariamente, meu irmão. Ele vai para Eton em breve. — Ao menos era o que ela esperava... Era mais uma coisa que ela ainda

tinha que discutir com o duque. — E sim, eu sou a viúva. — Ela torceu o nariz. — Embora eu prefira que não refiram-se a mim como tal.

Ele sorriu. — Então eu não estava errado.

Claro que ele se concentraria nesta parte de tudo o que ela disse. Billie suspirou. Ele era provavelmente o homem mais ultrajante que ela já conheceu... — Foi o que eu disse, não foi? — Foi a vez dela de arquear uma sobrancelha.

— Você não quer ser referida como a viúva — começou ele. — Diga-me como eu deveria chamá-la então.

Billie não tinha certeza de como respondê-lo. Ela não queria ficar muito familiarizada com ele, mas ela realmente odiava ser chamada de viúva. — Eu não suponho que você consideraria Vossa Graça como uma alternativa.

Ele torceu os lábios para cima em descontentamento. — Isso é formal demais.

— Mas a viúva é aceitável? — caçoou ela. — Lady Graystone?

— Não — disse ele. — Não me diga que você gosta de títulos? Você parece mais... amigável do que isso.

Billie respirou fundo. — Meu nome é Wilhelmina. — Era o máximo que ela ofereceria. O apelido dela era para aqueles com quem ela se importava, e ela não o conhecia. — E você é?

— Eu sou Fox — respondeu ele.

— Não, você não é. — Ela balançou a cabeça em descrença. — Diga a verdade. Quem é você?

Ele riu levemente. — Meus amigos todos me chamam de Fox. Eu sou o Marquês de Foxworth.

— E você permite que eles te chamem assim? — riu ela. — Tudo bem, te chamarei de Fox. E embora esta conversa tenha sido

adorável, eu tenho algumas tarefas que eu preciso terminar. Aproveite a sua noite.

Dessa vez foi ele quem abriu um sorriso. — Aproveitarei. — Ele saudou-a, desviou dela e continuou andando. Ela não olhou para trás. Um suspiro que ela não tinha percebido que estava segurando libertou-se de dentro dela. O alívio, pelo visto, era tamanho que escapou para fora dela. Billie estava feliz que ele a deixou em paz. Em vez disso, ela continuou seguindo em frente. Billie não mentiu. Ela tinha algo muito importante para fazer. O problema é que ela não ansiava por isso.

Ela foi até o escritório e bateu à porta. Depois de vários minutos a voz poderosa do duque ecoou de volta para ela. — Entre.

Billie abriu a porta e entrou. Ele estava com a cabeça inclinada sobre um livro. Linhas carrancudas se formavam em sua testa e seu cabelo estava completamente desganhado. Ele não parecia tão severo, ou pelo menos, tão inacessível assim. Sua concentração estava completamente no livro e nem uma vez ele olhou para cima para ver quem tinha entrado em seu domínio. Esta versão do duque era... melhor, mas não chegava a ser boa. Ele tinha mais facetas do que ela lhe deu crédito. Talvez ela o tenha julgado mal, assim como ele a julgou.

Ela limpou a garganta. — Eu não queria interromper...

Ele ergueu a cabeça e o seu olhar encontrou o dela. O calor encheu os seus olhos e o duque áspero ressurgiu. — O que você quer?

— Acho que é hora de nós dois termos uma discussão há muito adiada. — Passaram-se alguns dias desde que ele chegou, mas já parecia que tinha sido muito mais do que isso.

— Estou ocupado — disse ele grosseiramente. — Qualquer reclamação que você tiver terá que esperar. Há coisas mais

importantes do que suas frivolidades.

A raiva apossou-se dela. *Como ele se atreve...* — Tenho certeza que você pode reservar um tempo para mim. Não vai demorar muito e uma vez feito isso, podemos fingir que o outro não existe. Tenho certeza que isso atende às suas expectativas.

— Tudo bem — disse ele e gesticulado em direção a uma cadeira perto de sua mesa. — Sente-se e me entedie mais do que esses livros já fazem.

Billie ergueu o queixo e preparou-se para a batalha. Isso demandaria dela mais força do que ela poderia ter. Esse homem era... muito. Ele era muito muitas coisas...

ZACH PREFERIA TER TIDO MAIS tempo longe dela. Por um breve período de tempo, ele esqueceu como ela era linda de tirar o fôlego, ou o quanto ele a desejava. Inferno... ele tinha que mandá-la para a Casa da Viúva antes que fizesse algo do qual ele acabaria se arrependendo.

Ela atravessou o escritório e sentou-se elegantemente na cadeira que Fox tinha ocupado mais cedo. Mas enquanto Fox tinha uma presença avassaladora e exigente, a duquesa era elegante e refinada. Pelo menos o canalha do seu tio tinha bom gosto. Ele podia ver os atrativos dela e ele odiava a si mesmo por notar isso. Ela dobrou as mãos no colo e, em seguida, corajosamente encontrou seu olhar. — Eu gostaria de discutir sobre o que você exigiu de mim na noite em que chegou.

— Quando eu informei que você deve sair deste castelo? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Ou há algo mais que você queria

trazer à minha atenção. — Ele zombou. Ela se ofereceria a ele? Ele não queria ou precisava de uma esposa. O título do ducado poderia morrer com ele por tudo o que ele se importava com isso. Os atributos dela eram bastante atraentes e ele não se importaria de provar os favores dela... mas sem os benefícios do casamento. Até onde ele podia dizer, não havia nenhum benefício a se ter. Especialmente quando, a única coisa que ele queria, ele poderia ter sem dizer: *“Eu aceito.”*

— Seu tio me fez várias promessas. Eu gostaria que você as honrasse. — Ela permaneceu rígida em sua cadeira e manteve seu tom firme enquanto falava. Ela achou que aquilo funcionaria com ele?

— É mesmo? — riu ele baixinho. — Eu lhe disse que você está à minha mercê. Você tem alguma ideia de quão pequena é a sua pensão? Você terá sorte se conseguir pagar sua costureira trimestralmente.

— Eu não preciso de vestidos — disse ela. — Eu tenho o suficiente para as minhas necessidades. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — O que eu preciso é que minha família tenha um lugar para morar, comida para se sustentar, e que meu irmão tenha sua educação.

— Isso é tudo? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Sem exigências para frivolidades ou qualquer outra bobagem para si mesma?

— Não há nada que eu pessoalmente preciso. Minha família é o que importa. — Sua voz tremeu um pouco ao dizer isso. — Você pode honrar o que seu tio prometeu?

Ele inclinou-se para trás em sua cadeira e considerou suas palavras. Parecia razoável o suficiente. O problema era que ele não acreditava nela. Ela tinha que querer mais do que aquelas coisas

simples. — Você já considerou que você pode estar *enceinte*? — Ele sentou-se e esperou que ela respondesse.

— Porque eu estaria? — Ela franziu a testa.

Interessante. — Você teve uma noite de núpcias e você não seria a primeira noiva que acabou engravidando depois de passar apenas uma noite com seu marido. — Certamente ela não era tão ingênua.

— Entendo — disse ela com cuidado. — É por isso que você é tão rude comigo? Você está com medo de perder o seu título se eu estiver carregando um herdeiro do meu falecido marido?

Zach cerrou os dentes. Ele se arrependeu de ter trazido esse assunto à tona. Ela tinha que sumir da frente dele, e rápido. — Se você está se perguntando se eu me importo em poder perder o título... Não, eu não me importo. Só fiz questão dele porque o velho bastardo não queria que eu o tivesse. Eu não preciso disso, ou da bagunça financeira em que propriedade está. Ele tinha que ser o pior proprietário de terras que já existiu. É simplesmente um milagre ele não ter deixado o ducado destituído.

Ela inclinou-se para trás em sua cadeira e relaxou. Um sorriso suave formou-se nos lábios dela e ela o encarou corajosamente. — Bem — disse ela em um tom indiferente. — Então por que importa se eu poderia estar ou não grávida?

— Não importa. — Por que ela não dizia se acreditava que estava grávida ou não? — Mas seria útil saber.

— Eu não posso ajudá-lo com isso. Meu casamento não foi há apenas quinze dias. Isso é muito cedo para qualquer mulher confirmar se está esperando um bebê.

Merda. Ela estava certa. — Eu vou considerar seus pedidos, mas eu ainda não quero você aqui. Farei arranjos para você residir na Casa da Viúva.

Ela franziu a testa. — Casa da Viúva?

— Sim — respondeu ele. — É para onde todas as viúvas de um ducado vão viver uma vez que seus maridos falecem. Eu creio que você a achará aceitável. — Ele na verdade não se importava se ela acharia a casa boa ou não. Desde que ela não estivesse mais na presença dele, isso era tudo o que importava para ele.

— Acho que está tudo bem — concordou ela. — E quanto a minha pensão?

Ele suspirou. Zach estava esperando que ela perguntasse dos seus fundos trimestrais depois que ele os mencionou. Ela não tinha dito nada até este momento. — Envie suas despesas para mim. Desde que seja a respeito da residência, eu pagarei. Sua pensão pode ser só sua. — Ele não ofereceria mais do que isso. — Quanto aos estudos do seu irmão. Ainda não decidi. Avisarei quando fizer isso.

Ela levantou-se. — Se você continuar franzindo a testa do jeito que faz, você nunca vai ter felicidade. Você deveria ser menos duro. Isso pode fazer maravilhas para sua personalidade.

Ele grunhiu. — Eu não preciso de conselhos sábios de uma mulher que ainda nem viveu verdadeiramente. Vá incomodar outra pessoa.

— Não se preocupe — disse ela. — Eu pretendo encontrar alguém muito mais agradável com quem passar meu tempo. Na verdade, havia um cavalheiro adorável que conheci a caminho de me encontrar com você. Vou ver se consigo localizá-lo. Tenho certeza que ele vai ser muito mais divertido do que você.

— O inferno que você vai — disse ele severamente. Ela tinha que estar se referindo a Fox. Ele tinha saído pouco antes de ela vir vê-lo. — Fique longe dele.

— Ele não é seu amigo? — perguntou ela. Ela soou... Intrigada. Zach não gostou disso. De alguma forma, ele tinha que mantê-la longe de Fox antes que seu amigo a seduzisse até que ela perdesse os sentidos. — Ele parecia muito agradável. Mas talvez ele não estava realmente interessado em mim?

Zach apertou as mãos em punhos. Dane-se tudo para o inferno. Ele se levantou e caminhou ao redor da mesa e parou diretamente na frente dela. — Você já não deixou os homens usá-la o suficiente para uma vida? Fox não é do tipo que se casa. — Ele não tinha dúvida de que Fox estava interessado nela. Como poderia não estar? Ela era linda e tinha uma figura excepcional. Seu amigo teria que ser cego para não estar fascinado por ela.

— Então é uma sorte que eu não esteja procurando um marido. — Ela ergueu o queixo desafiadoramente. Ela estava chamando por problemas. Talvez ele devesse atender o chamado dela...

— Então você procura um amante — disse ele. — Não procure mais. — Zach aproximou-se dela e a puxou para os seus braços. Se ele tivesse considerado por um momento que ele poderia arrepender-se de suas ações, ele poderia ter parado, mas nada poderia tê-lo impedido de beijá-la. Ele queria fazer isso desde o momento em que a conheceu. Ele inclinou-se e apertou os lábios nos dela e todo o seu corpo se encheu de calor. Ela tinha gosto de baunilha e especiarias.

Quando ele levantou a cabeça para encontrar seu olhar, ele ficou chocado. Ela tinha permitido o beijo, mas não havia desejo lá. Seu rosto permaneceu frio e distante, completamente sem expressão. Ela não sentiu nada?

— Já que estamos em termos mais íntimos, talvez devêssemos deixar de lado as formalidades. — Ele tinha cometido um grave erro. — Meu nome é Zach.

— É um prazer conhecê-lo, Zach — disse ela. — Por favor, abstenha-se de me beijar no futuro. — Ela respirou fundo. — Me chamo Wilhelmina. — Depois que ela lhe deu o seu nome de batismo, ela girou em seus calcanhares e deixou-o sozinho.

De alguma forma, ele teria que corrigir aquele erro. Embora ele não soubesse como, e ele temia que ele poderia não ser capaz de fazer isso.

CAPÍTULO CINCO

BILLIE OLHOU pela janela de seu quarto. Zach queria mandá-la para a Casa da Viúva. Provavelmente seria melhor assim. Se ela se mudasse para lá, ela estaria fora de seu caminho e se sentiria mais à vontade com seus arredores. Ela não teria que fingir que não estava interessada nele. Aquele beijo... Billie não conseguia parar de pensar nele. Ela ainda não sabia como conseguiu manter a compostura e sair sem agarrá-lo.

Ele pensava que ela poderia estar grávida. Ela compreendeu como ele poderia ter chegado a essa conclusão. O casamento dela com o tio dele durou apenas algumas horas, mas houve tempo para que o consumasse, e se o velho duque não tivesse caído e parado de respirar, ela teria realmente que ter suportado as suas atenções. Billie não desejava explicar nada disso a Zach. Ela não teria um filho e não havia um possível herdeiro. Tudo o que ela queria era que sua família fosse bem cuidada e se para isso ela teria que deixá-lo acreditar que ela poderia estar *enceinte*, então que assim fosse. Não haveria mais beijos e nem mais desejo. Logo ela estaria longe do castelo e suas irmãs poderiam debutar na sociedade depois que o período de luto adequado fosse cumprido.

Uma batida ecoou pelo quarto. — Entre — gritou ela. Tinha que ser uma de suas irmãs. Ninguém mais ousaria incomodá-la enquanto ela estivesse em seus aposentos.

— Você não pode se esconder aqui o dia todo — disse Carly, enquanto entrava no quarto seguida por Chris.

— Ela está certa — concordou Chris e se jogou na cama. — Nós precisamos de você. Você não pode deixá-lo nos mandar embora. — Ela tinha uma expressão petulante no rosto. — Eu gosto daqui.

— Você não sabe se não vai gostar da Casa da Viúva — disse Billie a ela. — Lá pode ser muito melhor.

— Uma Casa da Viúva é para senhoras idosas — disse Carly, franzindo o nariz em desgosto. — O que a faz pensar que seria um lugar que poderíamos achar melhor do que um castelo?

Billie suspirou. As gêmeas não tornariam isso fácil para ela. Elas estavam acostumadas a conseguir o que queriam em quase tudo. Seus pais estragaram as gêmeas e Damon. Teddy e Billie tiveram que amadurecer rápido e cuidar sempre de tudo. De alguma forma, ela teria que encontrar uma maneira de controlar suas duas irmãs mais novas. — O quê você espera que eu faça? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Implore? Não farei isto. Já me vendi a um homem para salvar esta família. Estas são as opções que nos foram dadas, goste ou não, vocês terão que aceitá-las. Assim que Sua Graça arranjar tudo para partirmos e irmos para a Casa da Viúva, iremos. Não torne isso pior do que deve ser.

— Não gosto disso — disse Chris. — Por favor, pelo menos, considere tentar fazer desta casa nossa residência permanente. Não acredito que não há nada que podemos fazer quanto a isso.

— Não há — disse Billie com firmeza. — Agora que resolvemos isso...

— Nada foi resolvido — interrompeu-a Carly. — Nada! Mas não se preocupe. Podemos ajudar. Se não quiser falar com o duque, teremos o maior prazer em fazer isso por você. Tenho certeza de que podemos fazê-lo ver a razão.

— Não incomode o duque. — A última coisa que ela precisava era que as gêmeas incomodassem Zach. Ele poderia simplesmente decidir não ajudá-los mais. — Precisamos de sua generosidade. Se não fosse por ele, poderíamos não ter absolutamente nada. Meu casamento foi um piscar de olhos no tempo e eu tenho muito pouco direito sobre qualquer coisa. Você quer voltar a morrer de fome? Você prefere viver na rua? Quão agradável você acha que isso seria?

As duas olharam para ela com expressões idênticas de abatimento. — Seria horrível — disseram elas em uníssono.

— Sinto muito — disse Carly. — É que...

— Não queremos ter que começar tudo de novo — concluiu Chris por ela. — É bom aqui e me sinto como... se estivesse em casa.

Billie também gostava de morar no castelo. Ela desejou que eles não tivessem que se desenraizar novamente. A propriedade de Seville estava praticamente desmoronando. A casa da cidade não estava comprometida e os credores a apreenderam imediatamente. Se ela não tivesse se casado com o velho duque, eles estariam em uma situação terrível. Ela odiava não poder fazer o que suas irmãs pediam. Billie cruzou o quarto e sentou-se na cama ao lado de Chris. — Tive que aprender da maneira mais difícil que a vida nem sempre funciona da maneira que queremos. As decisões que tive que tomar... — Ela engoliu em seco. — Eu nunca quero que nenhuma de vocês tenham que seguir com um casamento que

vocês não queiram, ou fazer uma escolha difícil com a qual vocês terão dificuldade em viver com ela.

— Nenhuma de nós queria que você se casasse com aquele velho — disse Carly. — Pelo menos ele morreu antes de... você sabe...

Billie riu. — Não é bom ficar feliz com a morte de alguém. — Ela balançou a cabeça. — Mas eu me sinto da mesma forma. Agora, vocês duas devem ir. Vou falar com o duque e ver quando ele espera que partamos. Pode ser que ajude vocês duas a se acalmarem se tiverem mais informações. Nós nem sabemos onde fica a Casa da Viúva.

— Tudo bem — disse Chris. Carly aproximou-se da janela e estava olhando para algo do lado de fora. — Você virá comigo? — Perguntou Chris para ela.

Carly se virou para as duas. — Acho que os homens vão caçar. Parece que os cavalos estão sendo preparados perto dos estábulos.

Billie mordiscou o lábio inferior. Aquilo na verdade deu a ela uma ideia. Ela não se importaria de ir cavalgar também. Já fazia um tempo desde que ela teve a chance de montar em um cavalo e galopar. Seu cavalo teve que ser vendido há muito tempo para pagar algumas dívidas de seu pai. Ela não tinha considerado montar um dos cavalos em Graystone. Talvez fosse hora de corrigir isso.

— Então falarei com o duque mais tarde. — Ela só não especificou quando seria esse mais tarde. As gêmeas poderiam tentar juntar-se a ela caso contasse seus planos. — Vá encontrar Teddy e diga a ela para levar o chá até o solar. Depois de uma ou várias xícaras de chá, talvez vocês se acalmem um pouco.

— Você se juntará a nós? — perguntou Chris.

— Talvez — respondeu ela. — Depende de quanto tempo levará para concluir as minhas tarefas. — Billie deu seu sorriso mais

sereno, esperando que isso as tranquilizasse. — Vão. — Ela as enxotou em direção à porta. — Quanto mais cedo vocês saírem dos meus aposentos, mais cedo poderei começar e talvez me juntar a vocês para um chá.

— Certo. — Ambas disseram e saíram do quarto. Billie deu um suspiro de alívio quando elas saíram e fechou a porta atrás delas. Ela tinha muito o que fazer e muito pouco tempo.

ZACH FOI ao estábulo para juntar-se aos amigos. Eles queriam caçar, mas em vez disso, todos concordaram em dar um passeio a cavalo. Um bom e exaustivo passeio poderia ajudá-lo a esquecer tudo por um tempo. Carrolton e Sheffield já estavam do lado de fora dos estábulos quando ele chegou. Zach caminhou até eles. Carrolton e Sheffield partiriam ao amanhecer. Eles tinham assuntos em suas propriedades que exigiam sua atenção. Esta era a única vez que eles ficariam juntos por um tempo e Zach esperava se divertir. O marquês de Foxworth, entretanto... ele planejava ficar um pouco mais. Embora ele estivesse propenso a vagar e encontrar uma mulher disposta a compartilhar sua cama. — Onde está Fox? — O bastardo sortudo provavelmente já tinha encontrado uma mulher com quem se deitar... mas era melhor que não fosse a duquesa viúva. Ele franziu um pouco a testa com o pensamento.

Carrolton encolheu os ombros. — Quem sabe? Ele provavelmente encontrou uma criada e a convenceu a se juntar a ele em seus lençóis. Você sabe como ele é.

Zach franziu a testa. — Ele prometeu que se juntaria a nós.

— Não seria a primeira vez que ele quebraria uma promessa — disse Sheffield e passou a mão pelo cabelo dourado. — Isso importa? Ainda podemos ir cavalgar sem ele.

— Você tem razão. — Zach ainda queria cavalgar. Ele poderia encontrar Fox mais tarde e garantir que ele estava bem. Às vezes, Fox bebia um pouco demais e acabava fazendo coisas que não deveria. Zack não conseguia deixar de se preocupar com ele e também não conseguia parar de se perguntar o que poderia estar fazendo e com quem poderia estar. Fox tinha um bom coração, mas lutava contra mais demônios internos do que o resto deles, e Billie não precisava se envolver na miséria de Fox. Sua vida doméstica não tinha sido das melhores e ele aprontava de tudo para anestesiar aquela dor. Ele poderia machucá-la, não fisicamente, mas emocionalmente. Fox tinha problemas com qualquer coisa permanente e colocava as amantes de lado da mesma forma que a maioria das pessoas fazia com trapos. — Provavelmente vamos encontrá-lo mais tarde exatamente como você disse. Tenho certeza que ele está bem.

— Bom — disse Carrolton. O vento soprou em seu cabelo castanho e uma mecha caiu sobre sua testa. — Agora que resolvemos isso, podemos pedir aos estábulos que tragam nossos cavalos.

Eles não deram mais do que dois passos quando as portas do estábulo se abriram. Um grande garanhão castanho saiu trotando com uma pequena cavaleira montada. Zach deu uma segunda olhada e encarou a cavaleira. Wilhelmina estava montada no cavalo *dele* e usava calças que se agarravam ao seu traseiro e mostravam cada uma de suas curvas. Ele cerrou os dedos com força em punhos ao lado do corpo e as unhas cravaram nas palmas das mãos. Pequenas pontadas de dor percorreram sua mão ao fazer

isso. Ele a estrangularia. Ela sacudiu as rédeas e o cavalo começou a galopar para longe do estábulo. Zach praguejou, entrou no prédio e agarrou a manga do primeiro cavaleiro que encontrou. — Arranje-me um cavalo agora! — Ele gritou a ordem.

Ele tinha que alcançar aquela pequena megera e explicar a ela por que montar seu cavalo era uma ideia terrível. Ela não parecia forte o suficiente para lidar com seu cavalo. Mas Zach com certeza queria lidar com ela. A visão de seu adorável traseiro o fez ficar duro imediatamente. O que ele queria era que ela o montasse forte e rápido. Ele quase podia imaginá-la nua... suas roupas eram tão reveladoras assim. Era uma visão que ele não esqueceria tão cedo.

O ajudante do estábulo com quem Zach gritou trouxe um dos cavalos e entregou-lhe as rédeas. — O senhor precisa de um bloco de montagem, Vossa Graça? — perguntou ele.

— Não — disse Zach, conseguindo montar no cavalo sem ajuda. — Diga aos outros dois cavaleiros que estarei de volta depois de localizar Sua Graça e trazê-la para casa. Se quiserem cavalgar sem mim, eles podem. Não sei quanto tempo vou demorar. — Com essas palavras, ele pressionou o joelho na lateral do cavalo e saiu do estábulo. Uma vez do lado de fora, ele incitou o cavalo a galopar e saiu atrás dela. Quando ele a alcançasse, ele a faria entender como ele estava descontente com ela.

Ele quase podia distingui-la à distância. Ela parecia estar se segurando bem. Talvez ele estivesse se preocupando por nada. Não, ela teve sorte e conseguiu lidar bem com o cavalo. A idiota não deveria ter montado o cavalo de Zach.

Wilhelmina diminuiu a velocidade e fez o cavalo parar. Então ela escorregou de suas costas e o levou até uma árvore. Ela amarrou as rédeas a um galho baixo e caminhou por entre os arbustos. Zach sacudiu as rédeas e incitou seu cavalo a ir mais rápido. Pelo menos

ela não estava mais montando o cavalo. Isso tornou as coisas inerentemente mais fáceis. Ele fez com que o cavalo diminuísse a velocidade ao se aproximar da floresta e, ao parar, também deslizou e amarrou o cavalo a um carvalho próximo.

Zach seguiu na direção que ela tinha ido e a encontrou descansando debaixo de uma macieira. Ela limpou uma maçã sobre o colete. Ele praguejou novamente. Onde ela encontrou roupas masculinas que se encaixavam tão perfeitamente nela? Ele chegou até ela e parou em sua frente. — O que você pensa que está fazendo?

Ela olhou para ele e sorriu. — Estou prestes a comer uma maçã. — Ela estendeu-a para ele. — Você gostaria de uma? Há um monte na árvore e eu não me importo em pegar outra.

— Não — cuspiu ele. — Eu não quero uma maçã. — Ele fervilhava enquanto olhava para ela. — Precisamos conversar.

Ela abriu a boca e mordeu a maçã e lentamente mastigou. Ela gemeu quando deu outra mordida. — Isso é maravilhoso. Tem certeza que não quer uma?

Zach fechou os olhos e orou por paciência. Isso não estava sendo de jeito nenhum como ele pensou que seria. — Por que você foi montar no meu cavalo?

Ela ergueu o olhar para ele. — Esse cavalo é seu? — Seu tom tinha total inocência nele. Então ela não sabia que era o cavalo dele? Contudo, ela *sabia* que era um garanhão.

— Sim — disse ele através de dentes cerrados. — O que diabos você estava pensando?

— Eu estava pensando que era uma tarde adorável para dar um passeio a cavalo — disse ela e deu outra mordida na maçã. — Minhas desculpas se tomar o seu cavalo arruinou sua tarde de alguma forma.

Zach estava começando a pensar que ele poderia ser um pouco sádico. Ela tinha dito a ele para nunca mais beijá-la, mas era só nisso que ele conseguia pensar. Ele queria provar seus lábios e ver se eles eram tão doces quanto ele se lembrava... talvez ela seria uma mistura de doce e torta como a maçã que ela continuava a comer... Mas ele não cederia à vontade de beijá-la. Ele não iria... e talvez se ele dissesse isso a si mesmo, várias vezes, ele poderia ser capaz de resistir a ela... Zach não focaria suas atenções em mulheres relutantes. Ele respirou fundo e de alguma forma permaneceu no controle. Não importa o quanto ele a desejasse, ele não seria um idiota e faria algo que ela expressamente lhe pediu para não fazer.

— Vamos — pediu ele, gesticulando para ela se levantar. — É hora de voltar.

— É mesmo? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Mas estou me divertindo e não tenho pressa de voltar para o castelo. — Ela deu um tapinha no chão ao lado dela. — Por que você não se junta a mim em vez disso?

Ele não podia. Se ele fizesse isso, ele poderia ceder à vontade de beijá-la. Mas por um milagre, a natureza o salvou. Nuvens escuras rolaram pelo céu e uma chuva torrencial desceu sobre eles. Ele não pensou. Zack a pegou, a jogou por cima do ombro e fugiu para o abrigo mais próximo que ele encontrou. Por sorte, havia uma velha cabana de caça nas proximidades. Ele orou para que a tempestade passasse rapidamente, e que de alguma forma ele conseguisse manter o juízo até lá.

CAPÍTULO SEIS

BILLIE APERTOOU os braços em volta do peito e tremeu. Seus dentes debatiam-se incontrolavelmente. Maldita tempestade... Parecia uma boa ideia pegar cavalo para dar um passeio. Em retrospecto, talvez não tivesse sido sua ideia mais brilhante. Agora ela estava presa em uma cabana rústica, encharcada até os ossos e congelando. A poeira cobria todas as superfícies e um fogo provavelmente não tinha sido aceso naquela lareira há vários anos.

Ela espirrou, depois espirrou novamente... três vezes no total.

— Não podemos ficar nesta cabine. Ela está praticamente caindo ao nosso redor. — Ela encarou o duque. — Certamente você percebe isso.

Ele suspirou. — Até a tempestade passar, não temos escolha. — Foi a vez dele espirrar. — Teremos que aguentar até lá.

— Nós já estamos encharcados. Um pouco mais de água não vai nos matar. Eu digo para nos arriscarmos na chuva e ir para casa. — Onde ela estaria aquecida e não seria perturbada pela presença dele. Ela queria sua atenção, e agora que ela a tinha, ela queria escapar. Billie estremeceu, incapaz de lutar contra sua atração por ele. O problema estava lá para qualquer um que quisesse ver. Ela desejava-o e fantasiava como seria beijá-lo novamente.

O que havia de errado com ela? Esses sentimentos não faziam parte do plano. Ela tinha que encontrar uma maneira de acabar com eles. Ela tinha dito ao duque para nunca mais beijá-la, e era o que ela queria... talvez. Billie se recusou a ficar tão apaixonada por um homem a ponto de viver em razão dele. Ela não cometeria os mesmos erros de sua mãe.

— Não seja ridícula — disse Zach. — Nós não vamos sair correndo debaixo da chuva como um casal desmiolado. — Ele correu os dedos através de seu cabelo úmido e, em seguida, balançou a cabeça. — Vamos ficar aqui e esperar a tempestade passar. E não vamos mais falar nisso.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Mesmo?

— Sim — disse ele em tom firme. — Nós não vamos correr debaixo de chuva.

Ele tirou a jaqueta e colocou-a em um gancho que estava perto. — Vou ver se há algo que possamos usar para acender a lareira. Se tivermos sorte, pode haver alguma caixa de fósforo perdida por aqui.

— Duvido muito que teremos tanta sorte — disse ela, revirando os olhos. — Está claro que ninguém esteve nesta cabine há algum tempo.

— Mesmo assim, eu vou procurar. — Ele arregaçou as mangas quando começou a andar pela pequena cabana.

Para Billie, havia uma falta de rumo em seus movimentos, mas se isso o fazia se sentir útil, que assim seja. Ela gostaria de tirar a roupa molhada, mas isso seria um erro monumental. Sua roupa íntima estaria praticamente transparente úmida. Suas roupas não foram substituídas desde seu casamento e suas roupas íntimas tinham visto dias melhores. O duque poderia ver a remoção de seu traje encharcado como um convite. Um que ela não lhe daria de bom grado... não importa o quanto ela quisesse oferecê-lo.

Ele deu mais uma volta em torno da cabana, em seguida, franziu a testa. — Não achou uma caixa de fósforo, não é? — perguntou ela. Billie não acreditava que encontrariam uma e não ficou surpresa pelas ações dele terem sido inúteis.

Ele suspirou, então disse: — Não, não achei uma caixa de fósforo.

— Está muito frio. — Ela fez o seu melhor para não gemer, mas sua voz assumiu um tom meio estridente independentemente. — Tem certeza de que você é contra correr pela chuva?

O estrondo de um trovão ecoou em torno deles. — Não debaixo desta tempestade. — A voz dele era firme. — Vai assustar os cavalos e eles podem nos derrubar. Ainda o melhor é esperar. — Ele completou. — Maldita poeira — murmurou ele sob sua respiração.

— Está mesmo um tanto empoeirado — concordou ele. — Nós não vamos ser capazes de evitá-la. — Por mais molhados que ambos estivessem, a poeira grudaria neles também.

— Maldição — disse ele, enquanto se sentava em um sofá próximo. Uma nuvem de poeira flutuou pelo ar quando ele bateu na almofada próxima. — Isto é um desastre.

— Não é o que você planejou para o seu dia, não é? — perguntou ela em um tom inocente. Billie sabia que ele tinha a intenção de passar o dia com seus amigos.

A chuva batendo no telhado começou a diminuir. Billie vagou até uma janela e olhou para fora. As nuvens começaram a sumir e uma garoa lenta estava caindo do céu. — Eu acho que a tempestade está passando. Talvez você possa reconsiderar sua avaliação anterior. Eu acredito que é seguro retornarmos agora. — Ela esperava que ele não continuasse a discutir com ela. — Eu pretendo voltar com ou sem você. Estou cansada de sentir frio.

Billie foi até a porta e abriu-a, sem esperar que ele respondesse, ou a seguisse para fora. Ela foi para onde amarraram os cavalos e levou o garanhão até um tronco próximo para usar como um bloco de montagem. Billie já estava sentada no cavalo e balançando as rédeas antes de Zach chegar até ela. — Eu encorajo você a se juntar a mim. Já estamos molhados, afinal de contas.

Zach balançou a cabeça. Não levou muito tempo para que ele estivesse ao lado dela em seu cavalo. — Você ainda vai me matar. — Ele disse a ela.

— Eu não vou — disse ela desafiadoramente. — Eu não pedi para você me seguir até aqui hoje. Eu estaria perfeitamente bem sem você. Eu não preciso de um homem para cuidar de mim.

— Não — disse ele. — Você precisa de um santo e eu estou longe disso.

Billie não sabia o que ele queria dizer com aquela piada e ela não queria perguntar, pois não tinha certeza se gostaria da resposta.

Não demorou muito para chegar aos estábulos. Ambos entraram e desmontaram. Alguns criados vieram pegar os cavalos deles. Billie virou os calcanhares e deixou o estábulo. Ela queria ir para seus aposentos e tirar suas roupas molhadas.

— Aonde você pensa que vai? — Zach perseguiu-a, ele pôs uma mão no peito, respirando com dificuldade. — Não terminamos de discutir sobre suas ações.

— Não terminamos? — Ela arqueou uma sobrancelha. No que diz respeito a ela, não havia mais nada para discutir. Ela não tinha que se explicar para ele. — Pois eu terminei. O que quer que você tem a dizer eu particularmente não quero ouvir. — Ele era um idiota presunçoso que achava que sabia de tudo e ela estava cansada de ouvir suas suposições sobre ela e sua família.

Ela chegou na casa, e abriu a porta. Zach rapidamente a alcançou. Ele estendeu a mão para ela e balançou em seus pés, em seguida, caiu no chão. Ela se virou e franziu a testa para ele. — O que há de errado com você?

Seus olhos se fecharam e o coração dela falhou. Billie ajoelhou-se ao lado dele e colocou a parte de trás de sua mão em sua testa. Ele estava queimando de febre. Billie não achou que foi causada pela chuva, mas certamente ela não ajudou. Ela mordiscou o lábio inferior. Por que ele saiu se não se sentia bem?

Ela chamou um criado e ordenou que o levassem para o aposento dele. Ela não podia deixar de se sentir parcialmente responsável pela saúde dele. Se ela não tivesse saído com o seu cavalo, ele não teria saído na chuva. Ele poderia não estar tão doente como estava agora, se não por suas ações, e cabia a Billie ajudá-lo. E que Deus a ajude. Ela estava cansada de leitos e pessoas doentes, e esperava que este fosse seu último...

AS PÁLPEBRAS de Zach pareciam que tinham areia por baixo delas, o que fazia com que seus olhos ardessem. O que diabos havia de errado com ele? Ele rolou, ou pensou que sim, mas seu corpo não se movia, não importa o quanto ele quisesse. Ele gemeu quando a dor atingiu sua cabeça. Ele não conseguia se lembrar de alguma vez ter se sentido tão mal.

— Shh — disse uma mulher. Ela passou um pano úmido na cabeça dele. — É melhor você não se mover. A febre está no auge agora. Descanse e eu cuidarei de você.

Ele abriu os olhos, embora o esforço fosse insuportável. Zach piscou várias vezes, mas ela ainda era um borrão. Quase como um anjo brilhando diante dele. Seu cabelo dourado era seu halo. Ele queria estender a mão e tocá-la, mas abrir os olhos demandou toda a força que ele tinha.

— Você é linda — murmurou ele.

— Bajulação não vai te ajudar nesta situação — disse ela severamente.

Ele riu ou, pelo menos, tentou. Saiu mais como uma tosse rouca e então ele não conseguiu parar. Ele quase engasgou com sua própria saliva e quase vomitou enquanto engolia. Zach sorriu fracamente. — Bajulação é sempre um bom lugar para começar. — Ele ergueu a mão e segurou sua bochecha enquanto ela se inclinava sobre ele. — Mas falo sério quando digo que eu nunca mentiria para você.

— Eu gostaria de poder acreditar em você. — A voz dela era baixa, quase um sussurro.

— Acredite — insistiu ele. Zach odiava que ela pudesse pensar mal dele. Ele queria que ela gostasse dele, talvez até o amasse. Isso foi um pouco louco... Por que ele desejaria isso? Zach sempre teve dificuldade em acreditar no amor.

O sorriso dela vacilou um pouco. — Eu prometo que vou tentar. É tudo com o que posso concordar agora.

— É o suficiente — insistiu ele. Ele a encarou. Zack provavelmente deveria desviar o olhar, mas não conseguiu. Ele nunca se cansaria de contemplar seu rosto adorável. Como ele poderia acreditar que ela tinha um osso de interesseira em seu corpo. Não havia nada além de bondade em seus olhos azuis.

— Eu terei que aceitar isso. — Ele a convenceria. Ele tinha certeza que podia. Zach conseguia persuadir qualquer um. Seu anjo

não seria capaz de resistir a ele.

Ela respirou fundo. — Você está com sede? Eu posso ajudá-lo a beber um pouco de água.

Ele balançou a cabeça. — Não, não agora. — Ele não achava que seria capaz de segurar nada em seu estômago e sua garganta estava doendo depois do seu ataque de tosse. Qualquer coisa iria irritá-la ainda mais. — Talvez mais tarde... — Sua voz falhou. Ele estava ficando cansado de novo. Mas ele não queria dormir ainda. Não enquanto seu anjo estivesse ao seu lado. Ele tinha que fazer o que fosse necessário para mantê-la lá. Ele precisava dela.

— Mas pode ajudar — persuadiu ela.

— Não — disse ele com firmeza. — Eu disse que não quero. — Agora ele parecia uma criança fazendo birra. — Desculpa. — Ele disse imediatamente. — Eu não queria soar tão grosseiro. — Ele esperava que suas palavras não a tivesse irritado.

— Ssh — disse ela. — Está tudo bem. Agora feche os olhos e descanse. Eu estarei aqui quando você acordar. — Sua voz era suave e persuasiva, como uma canção de ninar o embalando para dormir, mesmo que ele quisesse ficar acordado com seu anjo.

Mas ele fez o que ela sugeriu. Não porque ela lhe disse, mas porque ele não conseguia ficar acordado por mais um momento. Ele estava tão cansado. Zach fechou as pálpebras e cedeu ao sono. Ele estava seguro. Ela prometeu a ele que estaria lá quando ele acordasse de novo e ele acreditaria nela. Ele precisava dela e não entendia por quê. Sua presença o consolou e permitiu que ele ficasse bem em ser cuidado quando ele geralmente lutava contra isso. Ela era um milagre que aconteceu mesmo que ele tivesse parado de acreditar na existência de coisas tão frívolas desde que era um menino.

BILLIE SENTOU-SE em uma cadeira perto da cama do duque lutando contra a exaustão que queria dominá-la. Seus amigos, o conde e o visconde, haviam partido alguns dias antes, deixando o marquês de Foxworth para trás. Provavelmente foi melhor que eles tivessem partido, porque ela não seria capaz de lidar com quatro cavalheiros teimosos. Um era o suficiente, já o marquês parecia desaparecer com frequência, então ela não lhe deu muita atenção.

Ela estava cuidando do duque desde que ele adoeceu. Ele era o paciente mais exigente que ela já cuidou, e ela tinha cuidado de seus pais. Duas das pessoas mais egoístas que ela já conheceu... Mas Zach parecia estar se recuperando. Sua respiração havia se estabilizado, o chiado finalmente parou e sua febre tinha finalmente cedido algumas horas atrás. Billie esperava que ele se recuperasse totalmente. Ao contrário de seus pais, o duque viveria.

Em seu delírio, ele disse coisas adoráveis a ela. Ela se forçou a não dar atenção a isso. Ele não teria dito essas coisas a ela se estivesse em seu juízo perfeito. Ela tentou não se importar com aquelas palavras, mas ela pretendia guardá-las em seu coração. Elas ainda eram maravilhosas... embora ela acreditasse plenamente que ele realmente não quisera dizer aquilo. Tinha sido um lindo sonho, mesmo quando ela não queria desejar sua bondade. Suas pálpebras se fecharam enquanto o sono a chamava.

— Por que você está nos meus aposentos?

As palavras raivosas do duque a deixaram totalmente alerta. Ela piscou várias vezes enquanto olhava pelo quarto. Billie esfregou as pálpebras. Ela tinha adormecido? Ela havia tentado tanto ficar acordada... — Você tem os piores modos — repreendeu-o ela. — É

assim que você trata todos os que cuidam de você quando você está doente ou eu sou a única que tem a sorte de aguentar o fardo de seu temperamento?

Ele franziu as sobrancelhas. — Você não deveria estar aqui.

Zach era um rabugento e ela já estava cansada disso. — Não há de quê! — Ela bufou as palavras e levantou-se. — Já que você está claramente se sentindo melhor, vou deixá-lo em paz. Fará bem dar um tempo de sua companhia grosseira. Portanto, tenha um bom dia, Vossa Graça. — Ela fez uma reverência e dirigiu-se para a porta para sair do quarto dele. Billie puxou a maçaneta, mas ela não se mexeu. Ela puxou novamente, mas não conseguiu abrir.

Risos ecoaram do outro lado. — Carly? Chris? — Ela gritou as meninas. — O que o vocês fizeram?

— Estamos dando a você algum tempo a sós com o duque. Agora que ele está acordado, você pode ter uma conversa de verdade com ele — disse Chris a ela. — Você sabe o que tem que fazer.

Ela estrangularia suas irmãs. — Onde está Teddy?

— Não conte com a ajuda dela por algum tempo. Ela está ocupada com Damon. Boa sorte — gritou Carly.

Billie bateu na porta. — Garotas!

O silêncio saudou suas ações. E então uma risada suave ecoou pelo cômodo.

— Você acha que isso é motivo para rir? — perguntou ela, colocando as mãos nos quadris. — Estamos trancados aqui. Juntos. — Ela sentiu que aquela adição era particularmente necessária, para lembrá-lo, ele não a queria em seus aposentos mais do que ela queria estar lá com ele.

— Estou surpreso além de achar isso um tanto hilário — disse ele. — É isso ou gritar, e ficou claro por suas ações que gritos não

ajudam muito. — Zach sentou-se. — O que suas irmãs travessas acreditam que precisamos discutir?

Billie suspirou. — O futuro delas. — Não era tão simples assim, mas ela realmente não queria ter essa conversa. Pelo menos, não ainda. — Elas gostam de viver aqui.

— Percebo. — Ele ficou quieto por um momento. — Você realmente cuidou de mim?

Ela assentiu. — Era o mínimo que eu poderia fazer. Você poderia não ter sido pego pela chuva se não fosse por minhas ações.

Doença não era algo com que ela gostava de brincar. Não depois da morte de seus pais. Ela ficou apavorada por ele ter adoecido tão rápido. E se ele tivesse morrido? Quem teria herdado o ducado então? Zach não tinha esposa e nem herdeiros, que ela soubesse. Eles estariam em uma situação pior do que aquela em que começaram.

— Eu não posso te fazer nenhuma promessa — disse ele calmamente. — Mas vou considerar os desejos delas.

— Isso é tudo que eu poderia pedir — agradeceu ela. — Seria bom ficar aqui. Começamos a sentir como se essa fosse a nossa casa.

Ele assentiu. — Eu entendo. Você tem ideia de quanto tempo suas irmãs vão mantê-la trancada aqui?

Ela balançou a cabeça. Billie gostaria de saber. — Com minhas irmãs, nunca se sabe quanto tempo um de seus esquemas vai durar. Elas são imprevisíveis. — Se elas um dia se casassem, ela sentiria pena de seus futuros maridos. Ambas certamente os dariam o inferno. — Com o tempo, Teddy virá nos checar. Ela tem ajudado quando pode.

— Então descansarei — disse ele. — Depois que você for libertada, eu gostaria de um banho. Você pode pedir aos criados

para providenciarem um?

— Claro — disse ela e mordiscou o lábio inferior. Ela não queria pensar sobre ele em seu banho. Porém, a imagem estava gravada em sua mente. Ela tinha visto o suficiente de sua nudez cuidando dele para imaginá-lo. — Durma um pouco mais. Fará bem para você. — Billie sentou-se na cadeira mais uma vez. — Estarei aqui se precisar de mim.

Ele não respondeu. Em vez disso, ele fechou os olhos e deixou o sono levá-lo. Infelizmente para Billie, ela estava muito desperta para fazer qualquer coisa a não ser deixar sua imaginação vagar... e todas as suas fantasias giravam em torno do duque na cama diante dela.

CAPÍTULO SETE

ZACH ESTAVA CANSADO de ficar deitado na cama. Ele não conseguia se lembrar da última vez em que esteve doente, mas tinha certeza de uma coisa: esperava nunca mais ficar doente assim. Principalmente porque não queria dar mais um motivo à duquesa do tio para cuidar dele.

Ela não tinha sido uma enfermeira terrível. Não, esse não era o problema. O problema era seu desejo crescente por ela. Ele a queria de uma maneira que nunca quis uma mulher antes.

Ele tinha que encontrar uma maneira de colocar alguma distância entre os dois. Se eles ficassem na companhia um do outro por mais tempo, ele poderia beijá-la novamente, e ela deixou claro que suas atenções não eram bem-vindas.

Maldição...

O que ele faria? Ele esfregou as mãos no rosto e tomou uma decisão. Havia somente uma solução para seu dilema. Ele tinha que mandá-la embora, e logo. Se ele ia fazer isso acontecer, ele tinha que sair da maldita cama e começar a trabalhar novamente. Sua convalescença havia chegado ao fim. Já era tempo. Ele empurrou os lençóis de cima dele e balançou as pernas para o lado, em seguida, estendeu a mão para a campainha e puxou-a. Não muito

tempo depois, um criado entrou no aposento. Era um lacaio. Zach realmente precisava de um criado pessoal. Ele não quis um no passado, mas talvez se ele tivesse um, a duquesa não teria sentido a necessidade de cuidar dele.

— Preciso de um banho — disse ele ao homem. — E alguém para ajudar a me vestir.

— Imediatamente, Vossa Graça — respondeu o lacaio. — Ficarei feliz em ajudá-lo. Dê-me um momento para ordenar que preparem o seu banho e voltarei em breve. — Com essas palavras, o lacaio saiu do quarto e foi fazer o que Zach ordenara.

Ele desejou não precisar da ajuda de ninguém. Zach odiava o quão fraco a doença o deixara. Ele odiava ser fraco e dependente de qualquer pessoa. Isso o fez se sentir tão... patético. Fazia uma semana que ele adoeceu. Isso era tempo demais em sua estimativa. Ele respirou fundo e levantou-se. Sua cabeça girou e ele se apoiou na cabeceira da cama. Exigiria cada grama de sua força para banhar-se, vestir-se e depois descer para o escritório, mas ele o faria. Ele tinha que fazer isso.

Zach fechou os olhos e respirou fundo. Quando voltou a abri-los, o lacaio estava entrando e, não muito depois, as camareiras começaram a carregar baldes de água quente para a banheira. Depois que ela foi enchida e ele se acomodou no calor da água, Zach deu um suspiro de alívio. Isso era o que ele precisava.

— Vou deixá-lo com seu banho, Vossa Graça — disse o lacaio. — Voltarei para ajudá-lo a se vestir depois. Por favor, puxe a campainha quando estiver pronto.

— Muito bem — disse Zach. — Pode ir agora.

Depois que o lacaio saiu, Zach lavou-se e recostou-se na banheira. Ele fechou os olhos, deleitando-se com o calor. Quando a água começou a esfriar ele decidiu que era hora de sair. Ele lutou

para se levantar, mas conseguiu. Ele agarrou uma toalha próxima, saiu da banheira e começou a se secar. A porta do seu aposento se abriu enquanto ele secava o cabelo. Ele baixou a toalha e encontrou o olhar de Wilhelmina.

— Eu... — Ela engoliu em seco. Suas bochechas ficaram vermelhas enquanto ela olhava para ele. Zach estava surpreso e irritado. Esta pequena interrupção não ajudava em nada a diminuir o seu atual fascínio por ela. — Perdoe-me, eu não... — Ela se virou e olhou para a porta. — Não sabia que você estava bem o suficiente para sair da cama. Lamento ter perturbado o seu banho. Vou deixá-lo terminar. Ela estendeu a mão para a porta.

— Está fugindo, não é? — Ele não pôde deixar de provocá-la. Talvez ele quisesse se punir por desejá-la tanto. Mantendo-a perto, mas sem poder tocá-la... sim, isso era uma tortura. — Se quiser, você pode ficar e me observar enquanto me visto. — Que diabos havia de errado com ele?

— Não... — Ela respirou fundo. — Você não está mais doente. Eu não deveria estar aqui.

— Mesmo assim, aqui está você — rebateu ele. — Parece que o dano já está feito. — Ele deveria encorajá-la a ir embora. Zach enrolou a toalha em volta da cintura. — Por que não ficar?

— Você sabe por quê — disse ela baixinho, seu foco completamente na porta entreaberta. Ela estava com medo de olhar para ele? A nudez dele a afetou mais do que ela queria admitir? Zach quis saber. Precisava saber. Ele se moveu em direção a ela e parou antes de alcançá-la, mas ela ainda estava perto o suficiente para que ele pudesse erguer a mão e tocá-la. Ele queria puxá-la em seus braços e beijá-la novamente.

— Por que você não explica para mim — começou ele. — Você é uma viúva agora. Você viu seu marido nu. Certamente isso não te

incomoda. — Ele quase engasgou com as palavras. Uma parte dele odiava que ela tivesse se deitado com seu tio. Ele desejou que houvesse uma maneira de fazer isso desaparecer. Não deveria incomodá-lo, mas incomodou.

— Prefiro não fazer isso. Você está me provocando e não vai funcionar. — Ela endireitou os ombros. — Não há muito para discutirmos.

— Há muito para nós discutirmos — disse ele. — Mas você tem razão. Este não é o local para fazer isso.

— Fico feliz que concorde comigo — Ela disse a ele. — Eu vou indo agora.

— Antes de você ir — começou ele. — Encontre-me em meu escritório às dez e meia. Como eu disse, há várias coisas que precisamos discutir. — Depois que ele conversasse com Bentley e tivesse uma atualização sobre o progresso da Casa da Viúva. Ela tinha que ir para lá o mais rápido possível.

— Tudo bem— respondeu ela e então saiu correndo do quarto. Foi o melhor, mas ele gostaria de ter fechado a porta e puxado-a para seus braços. Ele queria saborear cada centímetro dela e fazer coisas perversas com seu corpo delicioso. Se ela não partisse, ele temia, muito, estar condenado a ceder ao seu feitiço.

Zach vestiu-se rapidamente sem a ajuda do laçaio. Ele tinha muito o que fazer e se sentia bem o suficiente para cuidar de si mesmo. O banho tinha feito maravilhas. Ele dirigiu-se ao escritório para começar a trabalhar nos livros de contabilidade. Ele mandaria alguém chamar Bentley para que ele pudesse finalizar a mudança para a Casa da Viúva. Talvez ele oferecesse a Wilhelmina outra coisa como incentivo. Ele poderia ser legal... às vezes...

BILLIE ERGUEU A MÃO, colocou-a no peito e então se encostou na parede do lado de fora de seu aposento. Ela não podia acreditar que o encontrou enquanto ele se banhava... Ela não tinha parado para considerar que ele pudesse ter se levantado de seu leito. Ele ainda parecia tão doente da última vez que ela esteve em sua companhia no dia anterior. Ela não continuou sentada ao lado de sua cama como ela tinha ficado nos primeiros dias de sua doença. Ele não precisava mais de ajuda como antes.

Ela cometeu um grave erro. Agora ela tinha a imagem de sua nudez marcada para sempre em sua mente. Ela nunca seria capaz de esquecê-la. A imaginação dela nunca lhe teria feito justiça. Ele era perfeito. A pele dele ainda estava um pouco pálida por estar doente, mas fora isso... Ele era lindo. Ele era todo músculo por cima de músculos, esbelto e pura definição. Estar perto dele sempre fez seu coração acelerar. Agora... ele batia tão incontrolavelmente que ela temia que nunca bateria normal novamente.

— O que você está fazendo? — perguntou Chris, sua irmã. — O duque gritou com você novamente? — Ela ergueu o queixo desafiadoramente. — Alguém deveria colocá-lo em seu lugar.

— Podemos fazer isso por você — ofereceu Carly. — Seria um prazer.

Havia um brilho perverso no olhar de Carly que deixou Billie nervosa. Essa era a última coisa que ela precisava. As gêmeas podiam ser uns terrores às vezes. Ela tinha que barrar os seus esquemas antes que fizessem algo que todos se arrependeriam. — Você não fará tal coisa — ordenou ela. — Dependemos da generosidade do duque. Ele pode ser um pouco... difícil... às vezes,

mas ele não é tão ruim quanto vocês duas pensam que ele é. — Pelo menos Billie não acreditava nisso. — Ele é um homem decente. — Que tinha guardado as mãos para si mesmo. Bem, aquele beijo não contava. Especialmente porque ela gostou e parte dela desejava que ele fizesse de novo. Mesmo que ela tivesse pedido a ele para não fazer mais isso. Billie estava sendo tão contraditória... — Precisamos ficar aqui. Ou na Casa da Viúva... Nós somos pobres, ou vocês já esqueceram isso?

Chris enrugou o nariz. — Você não é pobre. Você se casou com aquele velho depravado e tem que haver algo deixado para você.

— Não o suficiente para sustentar cinco pessoas. — Billie suspirou e beliscou a ponte de seu nariz. Ela orou por paciência como sempre fazia ao lidar com as gêmeas. Ela baixou a mão e olhou para Chris, depois para Carly. — Prometam-me que vocês não farão alguma besteira.

Carly ergueu a mão. — Eu solenemente prometo não fazer intencionalmente nenhuma besteira.

— Eu também — disse Chris, depois sorriu.

E que Deus a ajude. Ela não acreditou nelas, mas no momento aquilo teria que bastar. — Eu tenho que encontrar Teddy e falar com ela. Vá encontrar algo para entreter-se.

— Oh, nós vamos — disse Carly. — Sempre encontramos algo... — Com essas palavras, as duas correram pelo corredor e desceram as escadas. Billie seguiu atrás delas e foi em busca de Teddy. Ela precisava de conselhos, e sua irmã mais sensata pode ter algo sábio para oferecer a ela.

As gêmeas estavam tramando algo. Ela apostaria o pouco dinheiro que tinha nisso. Teddy poderia ser capaz de descobrir os planos perversos delas e ajudar Billie a detê-las. Eles não podiam se dar ao luxo de irritar o novo duque. As gêmeas estavam muito

acostumadas a fazer o que bem queriam. Alguém tinha que fazê-las entender que não podiam ser tão imprudentes. Se elas acabassem criando um caos, eles acabaram sem-teto...

Billie estremeceu.

Ela não se casaria com outro velho para salvar sua família. Ela não podia... Elas tinham que entender que este não era o momento para peripécias. Era a vida deles que estava em jogo. O problema era... ela não podia discernir a melhor maneira possível de ajudá-las a compreender que às vezes as pessoas tinham que fazer coisas desagradáveis para um bem maior. Elas nunca tiveram que fazer nada tão desagradável em toda a vida delas.

Mas Teddy ajudaria. Pelo menos ela esperava que ela ajudasse, que pudesse ajudar...

ZACH ESTAVA SENTADO ATRÁS de sua mesa. Que tinha uma pilha enorme de correspondências que exigiam sua atenção. A doença dele o tinha atrasado em muitos dias. Ele levaria um tempo até que revisasse tudo aquilo. Ele suspirou e pegou a primeira missiva e rasgou o selo. Ele passou os olhos pelo conteúdo e franziu a testa.

— Que diabos... — Ele franziu as sobrancelhas. — Bentley! — gritou ele para o mordomo.

Alguns momentos depois, o mordomo entrou no escritório. — Sim, Vossa Graça — disse Bentley. Suas costas estavam completamente retas e ele não encontrou o olhar de Zach. — Como posso servir?

— A Casa da Viúva — começou Zach. — Está realmente em condições inabitáveis? Por que você não mencionou isso para mim antes?

— É possível que esteja — começou ele. — O velho duque não via razão para mantê-la em condições habitáveis. Sua duquesa morreu há um ano e ele não viu a necessidade que nenhuma outra duquesa residisse lá. Ele considerou isso uma despesa desnecessária. Eu esperava que ele mudasse de ideia, mas, pelo visto, ele não mudou. — Ele deu de ombros. — Minhas desculpas por não ter informado ao senhor. Como mencionei... eu esperava que ele tivesse reconsiderado.

— Infelizmente — disse Zach secamente. — Ele não reconsiderou. — Ele não poderia enviar Wilhelmina para lá agora. Ele teria que contratar alguns empreiteiros para fazer os reparos. Isso poderia levar semanas, talvez meses. Não haveria como escapar dela tão cedo. Ele poderia fazer algo sobre seus irmãos, no entanto. Todos eles poderiam ser mandados para a escola e ele cuidaria disso imediatamente. — Isso é tudo — disse ele e dispensou o mordomo. Ele teria que substituir alguns dos funcionários. Bentley claramente não seria de grande ajuda para ele. Ele parecia muito leal ao velho duque. Ele era sorrateiro e parecia prestativo, mas não era franco com nada. Zach tinha que fazer com que ele lhe desse informações e ele nunca parecia querer oferecer a ele quaisquer detalhes. Ele poderia ter contado a ele sobre a Casa da Viúva muito antes. Por que ele não disse nada?

Depois que Bentley saiu, Zach voltou a trabalhar. Ele escreveu duas missivas. Uma ele mandou para Eton, para matricular Damon imediatamente no próximo trimestre, e a outra para a Escola de Damas da Srta. Mabel. Sua velha amante era a diretora do estabelecimento e receberia de bom grado as gêmeas rebeldes. A

outra irmã... ele poderia arranjar para que ela debutasse em sociedade e tratar de casá-la.

— Vossa Graça? — Uma mulher disse trazendo sua atenção para a porta.

Ah, a própria duquesa viúva... — Por favor, entre — disse ele e acenou para que Wilhelmina entrasse. — Temos muito a discutir.

Ela veio em sua direção e sentou-se na cadeira para a qual ele apontou. — Suponho que você ainda deseja nos enviar para a Casa da Viúva. — Ela disse essas palavras sem encontrar seu olhar. Ela ainda estava envergonhada por sua nudez? *Ótimo*.

— Eu gostaria muito de fazer isso —concordou ele. — Mas não será possível.

Ela ergueu a cabeça e ela encontrou seu olhar. As bochechas de Wilhelmina estavam vermelhas. Seus lábios se separaram e ela inclinou a cabeça para o lado. — Eu não entendo.

— Chegou ao meu conhecimento que a Casa da Viúva está precisando desesperadamente de reparos. Então, até que isso possa ser feito, você ficará aqui.

— E minha família? — Ela arqueou uma sobrancelha.

— Eles serão bem cuidados — disse ele a ela. — Mas eles não vão ficar aqui.

Ela ficou de pé. — Para onde exatamente você os enviará? — Ele não achou que fosse possível, mas o rosto dela estava ainda mais vermelho do que antes. A raiva também fez maravilhas com seus olhos.

— Seu irmão irá para Eton. O menino precisa ir para a escola e irá, assim que as providências forem tomadas.

— Oh — disse ela, sentando-se de volta. — E minhas irmãs?

Ele olhou para ela e considerou suas palavras. Zach esperava que ela não fosse ser muito difícil. Ele tinha a sensação de que ela

não gostaria do que ele diria a seguir. — As gêmeas precisam de um pouco de polimento. Concluir a educação oferecerá isso a elas.

Ela se remexeu na cadeira. — Eu gostaria de poder discordar, mas você não conseguirá enviá-las. Elas não irão.

— Elas irão — insistiu ele. — Confie em mim.

Ela torceu os lábios para cima em um sorriso diabólico. — A confiança não tem nada a ver com isso. Mas vou deixar você tirar suas próprias conclusões.

— Você não discorda da minha decisão então? — Ele franziu a testa. Zach não havia previsto isso.

— As gêmeas tiveram permissão para fazer o que quisesse por muito tempo. Eles precisam aprender um pouco de disciplina e sensibilidade.

— Bom — disse ele. — Agora, sobre sua outra irmã... — Ele engoliu o nó na garganta. Como ele diria isso sem ofendê-la? — Ela é...

— Acanhada? Tímida? Imperceptível? — Wilhelmina forneceu palavras para ele.

Ela abriu a boca e fechou várias vezes. Depois de alguns momentos, ele encontrou as palavras certas. — Talvez a primeira, definitivamente a segunda, não concordo com a última.

— É verdade, no entanto — disse ela simplesmente. — Teddy não deseja ser notada, portanto, ela não é.

— Eu gostaria de mudar isso então. — Ele não sustentaria todos os cinco pelo resto de suas vidas. — Vamos apresentá-la a sociedade e esperar que ela chame a atenção de alguém. É a única coisa que podemos fazer por ela.

— Ela não vai gostar disso — disse Wilhelmina suavemente. — Ela não deseja se casar.

— Seus irmãos vão aprender que nem sempre vão gostar do que o futuro os reserva. Ninguém tem tanta sorte. Todos nós temos que lidar com coisas desagradáveis.

— Não há nada que entendamos mais — respondeu ela com veemência. Ela se encolheu como se ele a tivesse esbofeteado. Algo que ele nunca faria. Ela sabia disso, não é? — Já enfrentamos muitas coisas desagradáveis em nossas vidas. Não preciso que você me explique sobre as dificuldades e infortúnios que alguém pode ou não passar. Não fale comigo como se eu fosse um idiota simplória. — Por que ela tinha se casado com seu tio então? Estava ficando cada vez mais evidente que ela realmente não queria ter feito isso. Ela parecia achá-lo tão desagradável quanto Zach o achava. Ela não tinha dito isso com essas exatas palavras, mas suas reações sugeriram. Ela estava desesperada? O que lhe aconteceu?

— Então talvez você não devesse agir como uma — rebateu ele. Ele tinha que ser firme com ela ou as meninas ficariam à deriva e nunca se tornariam as damas que deveriam ser. Ele desejou poder usar um tom mais suave, mas, naquele momento, se o fizesse, ela o usaria contra ele. Ele não tinha dúvidas quanto aos desejos dela. Ela não queria mandar as garotas para longe e ele não podia culpá-la. Mas as gêmeas eram uns diabretes e precisavam de disciplina. Lady Theodora merecia uma temporada e ele garantiria que ela tivesse uma. — Agora eu sugiro que você vá e os prepare para o futuro que está por vir. Acabamos a discussão. Você pode ir. — Doeu um pouco ver a expressão de traição em seu rosto adorável. Mas ele tinha que permanecer firme.

Ela apertou os dedos na palma da mão. Ela queria bater nele? Parte dele esperava que ela o fizesse. Isso lhe daria um motivo para puxá-la para seus braços. Ele não conseguiu seu desejo, no

entanto. Em vez disso, ela se levantou, manteve a cabeça erguida e saiu furiosa do escritório. Ela era tão linda... e ele temia que ela fosse sua ruína...

CAPÍTULO OITO

BILLIE GOSTARIA de poder fazer mais por suas irmãs. Haviam coisas piores que poderiam acontecer às gêmeas do que terminar os estudos, mas elas não viam dessa forma. Elas iriam querer ficar com ela e Teddy, que se sentiria ainda mais traída. Ela não se saía bem em reuniões sociais de qualquer tipo. Pelo que Billie sabia, Teddy não desejava se casar.

Zach não deu-lhe ouvidos, no entanto. Ele era obstinado e acreditava que estava certo. Como ela contaria às suas irmãs o que o duque planejava para elas? Aquilo não acabaria bem e ela temia que, uma vez que percebessem o que estava reservado para o seu futuro, elas se rebelassem.

Ela respirou fundo e foi para a sala de estar. Todas sempre se encontravam lá para o chá da tarde. Teddy já estaria lá e as gêmeas fariam sua escandalosa aparição em breve. Elas definitivamente eram diabretes e nenhuma delas se desculpava por isso. Embora Chris fosse muito mais diabólica do que Carly, não havia muito o que qualquer uma delas não ousasse fazer. Além de serem inseparáveis.

Billie entrou na sala de estar. Ela estava certa, Teddy já estava sentada no sofá lendo. — O livro é interessante?

Teddy virou a página e ergueu os olhos. — Estou achando sim. — Ela colocou um marcador no livro para não perder a página. — Mas agora que você está aqui, você tem toda a minha atenção. A história pode esperar até mais tarde.

Ela deveria se sentar. Seria estranho se ela continuasse de pé, ou pior, começasse a andar de um lado para o outro. Não era normal da parte dela, e qualquer desvio de sua rotina normal deixaria Teddy nervosa. Ela precisava da ajuda de Teddy para manter as gêmeas calmas. Billie se acomodou na cadeira mais próxima e fez o possível para parecer o mais serena possível.

— Há algo que você gostaria de discutir? — perguntou Teddy. Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou Billie. — Tem algo — Ela acenou com a mão em sua direção. — De estranho em você. Não consigo discernir o que é, mas está praticamente pairando ao seu redor.

Claro que Teddy perceberia que algo estava errado com ela. Sua irmã era observadora até demais. Billie engoliu o nó que havia se formado em sua garganta. — Tive... bem... é que... — Por que ela não conseguia encontrar as palavras?

— O que foi? — Teddy inclinou-se para frente. — Você pode me dizer qualquer coisa.

— Eu tive uma discussão com Sua Graça mais cedo — começou ela. Billie não conseguia chamá-lo pelo nome de batismo diante de Teddy. Isso levantaria ainda mais questões sobre a familiaridade que um tinha com o outro. Perguntas que ela não tinha desejo de responder. — A Casa da Viúva não está disponível.

Teddy mordiscou o lábio inferior dela, então franziu a testa. Ela respirou fundo e começou a falar: — Isso é decepcionante, mas já enfrentamos coisas piores. Qual é o problema realmente? Não

podemos permanecer aqui? Qual é o problema com a Casa da Viúva?

— A Casa da Viúva precisa de reparos. Não tenho certeza de quanto tempo eles levarão para serem concluídos. — Essa parte da notícia não foi difícil de transmitir. Embora o resto seria. — O duque decidiu que, em vez de nos mandar embora para morar lá, outros arranjos devem ser feitos.

— Não vamos gostar desses arranjos, vamos? — Ela parecia miserável e Billie não podia culpá-la. Seu coração afundou quando ela encontrou o seu olhar.

— Receio que não — respondeu Billie. A desolação ecoou em suas palavras enquanto ela falava. Ela odiava tudo isso. — Damon será enviado para Eton. — Essa parte, pelo menos, era uma boa notícia. — Ele já mandou uma missiva para a escola. Embora não tenho certeza de quando ele partirá.

— E o resto de nós? — Sua voz transbordava de ansiedade.

— Você e eu iremos para Londres para a temporada — disse ela. — As gêmeas irão para uma escola para damas.

— Não, não vamos — disse Chris. Ela estava parada na porta com as mãos nos quadris. — Se você está indo para Londres, nós iremos com você.

— Não sou contra aprender — começou Carly. — Contanto que seja algo substancial. Escola de damas é para mulheres em busca de marido. E eu certamente não preciso de um.

Essa era a parte pela qual Billie não tinha ansiado. As gêmeas já eram difíceis de lidar em um dia bom. Agora que elas sabiam o que Zach pretendia fazer com elas, elas lutariam com todas as forças. Ela temia o que elas poderiam fazer em sua rebelião contra esses planos. Elas eram capazes de fazer qualquer coisa e, bem, capazes de tudo.

— Vocês irão para a escola — insistiu Billie. — Não estamos em posição de discordar, ou você se esqueceu de como somos destituídos?

— Prefiro morar em uma cabana com goteiras e comer restos — disse Chris. Ela ergueu o queixo em desafio. — Você não me obrigará a ir para uma escola projetada para arrancar de nós a nossa independência. Você realmente permitiria que isso acontecesse?

— Não quero mudar quem vocês são — começou Billie. — Mas se essa é a única maneira em que posso garantir que vocês duas sejam cuidadas, então sim, estou disposta a mandá-las para a escola. Há destinos piores. — Como se casar com um velho lascivo. — Quão logo vocês esquecem o que eu tive que fazer para protegê-las?

Carly torceu o nariz. — Nenhuma de nós queria que você fizesse isso.

— Isso não importa. Eu não tive escolha e faria tudo de novo. Às vezes, sacrifícios devem ser feitos para um bem maior. Ir a uma escola de damas não é o fim do mundo.

— Para você, talvez... — Chris cruzou os braços sobre o peito e olhou obstinadamente para Billie. — Já que não podemos mudar sua opinião, talvez devêssemos ir desfrutar da pouca liberdade que nos resta.

Com essas palavras, as gêmeas se viraram e partiram. Claro que Carly seguiria Chris em suas travessuras. Porque certamente era isso que elas estavam tramando. Billie suspirou, mas não correu atrás delas. Ambas precisavam de tempo para se acalmar. Ela estava mais preocupada com Teddy. Ela tinha ficado quieta durante toda a conversa com as gêmeas.

Ela se virou para Teddy e perguntou: — Você está bem?

O rosto de Teddy havia perdido toda a cor. A última vez que ela tinha ficado tão pálida foi quando ela teve o seu baile de debutante. Uma das poucas vezes em que ela socializou. Sua irmã não se saía bem em eventos sociais. Sua ansiedade sempre a dominava.

— Não sei se consigo fazer isso — sussurrou Teddy.

— Sinto muito — disse Billie a ela. — Ele é tão teimoso...

— Está tudo bem — disse Teddy baixinho. — Você estará comigo. De alguma forma, vou perseverar. Eu tenho que... se você pode se casar com um duque velho, certamente posso ir a alguns bailes.

— Esse é o espírito — disse Billie. Ela sorriu, mas foi um sorriso forçado. Billie faria de tudo pelo bem da irmã. — E você tem razão. Eu estarei com você. Eu nunca te abandonaria.

Billie foi até a irmã e a abraçou. Era o melhor que ela podia oferecer a ela. Ela gostaria de poder fazer mais.

ZACH ESTAVA em cima do seu cavalo olhando para o campo aberto. Ele saiu para um passeio muito necessário com seu amigo Fox. Depois de sua convalescença, o exercício fez maravilhas aos seus sentidos, o fez se sentir mais vivo. Sheffield e Carrolton haviam partido quando ele adoeceu, mas Fox, é claro, ficou para garantir que ele tivesse superado a doença.

— Estou feliz em ver que você tenha melhorado — começou Fox. — Mas temo que tenha que partir em breve. Houve um imprevisto que requer minha atenção imediata.

— Hum? — Zach arqueou uma sobrancelha. — O que, diga-me, aconteceu que você não esperava? — Fox tendia a ter mais visão

do que qualquer pessoa que Zach conhecia. Era assustador o quão bem ele planejava qualquer possibilidade. Exigiria algo tremendamente imprevisível para surpreender o marquês.

— Minha mãe — resmungou ele. — Ela decidiu que é hora de eu me casar.

— Certamente, isso não é uma surpresa. — Zach riu levemente. — Não é esse o desejo de todas as mães? Ver seus filhos felizes e em vias de lhes dar netos para mimar? — Ou ignorar, no caso de Zach... Sua mãe não era do tipo amorosa. Ela estava satisfeita com o título do marido e provavelmente teria ficado bem sem ter filhos. Quando seu pai morreu, Zach tinha idade suficiente para cuidar de si mesmo e assumir o controle das propriedades. Contanto que ela tivesse dinheiro para novos vestidos e outros adornos, ela não se incomodava em sequer falar com ele.

A atitude de sua mãe em relação a ele havia amargurado Zach para a ideia de casamento. Foi a origem inferior de sua mãe a causa de toda a oposição do tio em relação a ele. Mas era moral que Zach achava que faltava nela. Sua mãe não tinha interesse no que ele fazia, se era casado ou tinha herdeiros. Ela não esperava ansiosamente para idolatrar os filhos que ele poderia ou não ter.

Fox fez uma careta. — Achei que tivesse deixado bem claro para ela que casamento não é algo que eu esteja com pressa de arranjar. Estou gostando demais da minha liberdade para me amarrar a uma mulher. Haverá muito tempo para o casamento mais tarde. — Ele suspirou. — Eu vou ter que fazer uma visita a ela pessoalmente e explicá-la que um casamento não está nos meus planos e que ela deveria desistir disso. Ela não vai parar se eu não fizer isso. Não preciso ser jovem para ter um herdeiro, apenas minha esposa precisa ser.

Zach balançou a cabeça. — Você é um idiota.

— Eu sou honesto — respondeu ele, então deu de ombros. — Não sou do tipo que mente ou que aceita o que os outros esperam de mim. Prefiro viver minha vida como desejo. A sociedade pode ir para o inferno.

— Um dia isso pode voltar para te assombrar. Eu acho que este é um caso em que seus poderes de prognóstico falharão.

— Eu não — bufou Fox. — Eu não sou infalível. Você me dá muito crédito. Na maioria das vezes tenho sorte. Prever o que pode acontecer nem sempre é tão difícil quanto você pode acreditar. — Ele suspirou. — Mas você está certo em uma coisa. Eu deveria ter sido capaz de prever as maquinacões de minha mãe. Estarei mais alerta no futuro.

— É um bom plano — concordou Zach. — Você precisa observar as maquinadoras de perto, ou elas vão tirar vantagem da sua desatenção. — A duquesa viúva era a atual desgraça de sua existência. Ela tinha aceitado muito facilmente os seus planos alguns dias antes. Ele estava esperando que ela desse o seu golpe. Ele só não sabia o que seria, mas ele sabia que ela tentaria mudar sua mente.

— Ao menos eu só tenho uma para me preocupar — Fox acrescentou. — Mas você tem uma infinidade delas sob seu teto. Meu amigo, você tem minhas simpatias.

— Falando nisso... — Zach franziu a testa. — Não são as gêmeas perto da lagoa? — O que diabos elas estavam fazendo? Quanto mais cedo ele as mandasse para a escola de damas, melhor. Elas estavam constantemente causando algum tipo de problema.

Fox inclinou a cabeça para o lado. — Elas estão se despindo?

Eles não fariam... — Você pode estar certo. — Ele iria matá-las. Zach pressionou o joelho na lateral do cavalo, em seguida, puxou as

rédeas. O cavalo saiu a galope e Fox o seguiu. Não demorou muito para chegarem ao lago, mas era tarde demais. As gêmeas entraram com apenas suas chemises. Que eram praticamente transparentes e pouco deixavam para a imaginação. Deus o ajude.

Fox aproximou o seu cavalo ao lado do de Zach. — Deveríamos pescá-las.

Zach cerrou os dentes. — Provavelmente é melhor não fazermos isso. — Elas estavam quase nuas, e ele não desejava ver as irmãs de Wilhelmina como elas vieram ao mundo.

Uma das gêmeas começou a se debater na água. — Socorro! — gritou Lady Christiana. — Algo está me puxando para baixo!

A outra gêmea estava longe demais para fazer qualquer coisa, e ela também afundou não muito depois. Ambas estavam debaixo d'água. — Maldição! — resmungou Zach. Ele saltou do cavalo e tirou as botas e a jaqueta, depois mergulhou. Ele começou a nadar em direção a mais próxima... Lady Carolina. Salvar as duas poderia ser muito difícil.

Ele puxou Lady Carolina e arrastou-a para a margem do lago, em seguida, ergueu-a sobre a grama. Ele se virou para ir atrás da outra e ficou aliviado ao ver que Fox mergulhou atrás dela. Aquela gêmea, Christiana, estava lutando contra ele enquanto ele a arrastava para a margem da lagoa. — Seu pequeno diabrete — resmungou Fox. — Pare com isso! Só estou tentando te ajudar.

— Não preciso da sua ajuda! — Ela ergueu o queixo em desafio.

— Você precisa — disse ele a ela. — Não é como se eu estivesse com vontade de nadar vestido hoje. Você honestamente acredita que eu teria mergulhado neste maldito lago se você não precisasse de mim para salvá-la?

— Eu não preciso de nenhum homem para me salvar. Eu teria ficado bem. — Ela lutou com ele até que ele desistiu e a jogou na

grama.

— Faça do seu jeito então, sua atrevida — disse ele. — Eu não preciso de uma mulher me batendo, a menos que estejamos fazendo um pouco de esporte na cama.

— Eu nunca... — Seu queixo se projetou para cima e raiva brilhou em seus olhos. Aquela garota não seria nada além de problemas...

— Economize seu fôlego — disse ele zombeteiramente. — Você é a última mulher do mundo que eu convidaria para a minha cama. — Com essas palavras, ele deu as costas para ela e foi até Zach. — Se estiver tudo bem para você, vou voltar e tomar um banho quente. Acredito que posso deixar essas duas sob seus cuidados.

Zach assentiu. — As levarei de volta.

Fox agarrou suas botas e casaco, amarrou-os à sela, depois montou no cavalo e saiu. Fox tinha um temperamento forte, mas até isso foi demais da parte dele. O que havia em Lady Christiana que o fez reagir tão fortemente? Ele balançou a cabeça e se virou para as gêmeas. Ele cuidaria de Fox mais tarde. Ele tinha que lidar com as gêmeas imediatamente. — O que vocês estavam pensando?

— Que faremos o que quisermos. — Carly ergueu o queixo. — Você não pode nos obrigar a ir para a escola de damas.

Zach fechou os olhos brevemente e orou por paciência. As pirralhas o estavam testando. Elas logo aprenderiam que ele não permitia que ninguém lhe desse ordens. Isso também o deixou grato por não ter filhos no momento. Se todos os adolescentes agissem como essas duas, ele não tinha certeza se algum dia desejaria ser pai. Ele não gostaria de lidar especialmente com filhas... ele teria que torcer seus pescoços e de qualquer cavalheiro que tentasse tirar vantagem dele. Isso soava como uma dor de cabeça em potencial.

— Eu posso — disse ele. — E eu irei. Vocês duas precisam disso mais do que qualquer mulher que já conheci. Pegue seus vestidos e voltem imediatamente. Falarei com sua irmã sobre isso. Acho que talvez vocês precisem ser enviadas para lá mais cedo do que eu acreditava. — Ele fez o possível para não olhar diretamente para elas, mas falou com firmeza. — Quando vocês retornarem, tomem um banho e se aqueçam. Espero vocês duas em meu escritório antes do jantar. É hora de vocês entenderem o seu lugar neste mundo. As coisas não são como vocês querem.

Com essas palavras, ele agarrou seus pertences e voltou para a mansão. Ele não queria dizer mais nada a elas. Ele temia dizer algo que não pudesse voltar atrás. Depois de seu próprio banho quente, ele procuraria Wilhelmina e lhe contaria o que decidira. As gêmeas eram uma ameaça, uma que ele se recusava a lidar por mais tempo.

CAPÍTULO NOVE

BILLIE OLHOU pela janela da sala de estar e franziu a testa... aquelas eram as gêmeas? Que diabos elas fizeram agora? Elas disseram que desfrutariam de sua liberdade. Aparentemente, isso significava nadar em suas roupas íntimas. Ela iria estrangulá-las. Tudo bem, ela não iria, mas ela estava tão brava que queria.

Ela fechou os olhos e contou até dez. Quando ela enfrentasse os diabretes, ela teria que estar o mais calma possível. Se ela gritasse, elas não ouviriam uma palavra do que ela dissesse e ela realmente precisava que elas ouvissem. Billie estava começando a concordar com Zach. Elas precisavam ir para uma escola de damas, e quanto mais cedo, melhor. Se elas fossem em algum momento viver em sociedade, eles teriam que aprender como se comportar. Ela abriu os olhos e franziu a testa. — Maldição... — Ela colocou a mão sobre a boca quando a linguagem obscena escapou. O marquês de Foxworth e Zach caminhavam em direção à mansão. Ambos carregavam suas botas e estavam ensopados.

O que as gêmeas fizeram?

Não havia palavras suficientes para se desculpar pelas travessuras delas. O duque parecia... irado. Suas bochechas estavam vermelhas. — Espero que ele não fique doente de novo. —

Billie suspirou. Não fazia muito tempo desde seu último surto. Ele parecia um homem vigoroso, mas havia um limite para o que uma pessoa poderia aguentar antes que a doença vencesse. Seus pais não foram capazes de sobreviver à sua última doença e ela temia o que poderia acontecer com Zach se ele estivesse em uma condição semelhante.

Ela não podia pensar assim. Ele estava bem. Isso não o afastaria dela. Sua mão tremeu um pouco quando ela alcançou a maçaneta da porta. Billie parou um minuto para respirar fundo e então abriu. Ela falaria com ele e esperava que as gêmeas não tivessem feito muito dano.

Billie correu pelo corredor e parou abruptamente no saguão de entrada. Os dois homens estavam parados pingando no chão. As meninas já deviam ter subido para seus aposentos. — Lord Foxworth — disse ela enquanto acenava para o marquês. Billie se virou para Zach. — Vossa Graça... posso perguntar o que aconteceu? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Ainda está um pouco frio para dar um mergulho na lagoa, não é?

— Diga isso às suas irmãs — resmungou o marquês. — Essas pestes ingratas.

— Basta — disse Zach severamente. — Eu não vou permitir que você fale delas dessa maneira. — Ele se voltou para Fox. — Por que você só chegou aqui agora? Você saiu antes de mim.

— Elas são umas pestes, mas eu farei o que você pede. Já que esta é a sua casa — disse Fox. — E eu precisava de um bom exercício para colocar um pouco da minha raiva para fora. — Ele olhou para Zach. — Porém, não prometo nada em relação àquele demônio se ela cruzar o meu caminho fora daqui. — O marquês resmungou durante todo o corredor enquanto se dirigia para as escadas.

Zach balançou a cabeça e suspirou. Ele esperava que Fox se acalmasse e não fizesse nenhuma tolice em relação a Lady Christiana. — Ele não está errado. — Ele encontrou o olhar de Billie. — Esses dois diabretes podem acabar sendo a minha morte.

— Não diga isso! — Ela quase gritou as palavras. Billie não conseguia suportar a ideia de ele morrer. Ele pode ser um pouco difícil às vezes, mas ela passou a se importar com ele. — Eu já tive morte o suficiente na minha vida. Não vou adicionar você a essa lista.

Os lábios dele se contraíram em um meio sorriso. — Não me diga que você sentiria minha falta.

— Não sentiria — respondeu ela, erguendo o queixo desafiadoramente. — Você não vai me ouvir admitir nada do tipo. — Billie não tinha certeza do que sentia por ele. Ela certamente não queria que ele morresse, mas ela não queria que ninguém morresse. Isso não o fazia especial de forma alguma... Ela encontrou seu olhar corajosamente. — Mas você já esteve doente. Eu odiaria ter que cuidar de você novamente. Foi muito tedioso.

— Você diz coisas das mais agradáveis — disse ele lentamente. — Estou honrado com o quanto você se preocupa comigo.

Ela balançou a cabeça e suspirou. Ele era incorrigível. — Você deveria tirar essas roupas molhadas antes que adoeça. Como eu disse, não quero ter que sentar ao lado da sua cama novamente.

— Você gostaria de se juntar a mim? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Para garantir que seguirei suas instruções ao pé da letra? Se desejar, podemos pular a parte do ao lado da cama desta vez e você pode se juntar a mim nela. Isso pode tornar mais fácil cuidar de minhas necessidades.

— Você é nojento — disse ela a ele. — Vou deixá-lo sozinho com seus pensamentos lascivos. Além disso, preciso falar com as

gêmeas.

— Não incomode-se com isso — disse ele. — Eu tenho uma reunião marcada com elas depois que todos nós tivermos a chance de nos aquecer e vestir roupas secas. Você é bem-vinda para juntar-se a nós. Há algumas coisas que gostaria de discutir com você.

— Isso é bem arrogante de sua parte... — Ela odiava que ele interferisse e assumisse o papel de disciplinador. As gêmeas não reagiriam bem a isso. Elas já estavam muito rebeldes depois de descobrirem a intenção dele de mandá-las para a escola de damas. — Eu posso falar com elas. Não há necessidade de você fazer isso.

— Ah, nisso, eu discordo. — Seu tom era severo enquanto falava. — Você não lidou muito bem com elas até agora. É hora delas entenderem que há consequências para suas ações. — Seus lábios formaram uma linha fina, então ele começou a falar novamente: — Você pode se juntar a nós ou escolher permitir que eu me encontre com elas sozinho... a decisão é sua. De qualquer forma, eu cuidarei da situação e você não deve interromper por nenhum motivo. Fui claro?

— Certo — disse ela com os dentes cerrados. — Mas depois que as gêmeas saírem do escritório, você e eu teremos algumas coisas nossas para discutir. Eu não gosto disso nem um pouco.

— Eu não esperava que você gostasse — interrompeu ele. Ele levou dois dedos à cabeça e a saudou zombeteiramente. Depois ele mexeu as sobrancelhas sugestivamente. — Agora, se você quiser se juntar a mim enquanto eu tomo banho...

Ela ainda não tinha tirado a imagem de seu corpo nu, quando ela o viu saindo do banho, de sua cabeça. Ela não precisava ser lembrada de como ele tinha um corpo perfeito. — Devo recusar sua oferta obscena. — Ela se virou e se afastou vagorosamente dele,

como se ela não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Mas seu coração disparava a cada passo. Ela definitivamente não esqueceria de vê-lo nu, e ele parecia decidido a lembrá-la disso em todas as chances que tinha. Deus a ajude.

ZACH SORRIU enquanto olhava para ela. Ele não podia evitar no que dizia respeito a ela. Ele a queria. Muito mais do que deveria, considerando que ela se casou com seu velho tio lascivo por seu título e dinheiro. Ele supôs que deveria cuidar de si mesmo e garantir que estava preparado para a batalha. Wilhelmina não facilitaria as coisas para ele e as gêmeas seriam ainda mais teimosas. Zach suspirou e foi para o seu aposento.

Não demorou muito para que ele terminasse de banhar-se e vestir roupas secas. Sua raiva tinha se dissipado antes mesmo de ele chegar ao quarto. A discussão com Wilhelmina ajudou nisso. Ele estava com raiva, tão irado, que não conseguia ver direito o motivo disso. Agora que ele estava calmo, ele percebeu o que o havia despertado a sua ira. Ele estava com medo. Se uma daquelas garotas tivesse se machucado, ou Deus o livre, morrido... Isso teria partido o coração de Wilhelmina e isso ele não poderia suportar. Ela cuidou dele quando ele estava doente. Ele percebeu após tudo isso que ela não era tão sem coração como ele tinha pensado que era inicialmente. Ele a julgou como se ela fosse como a maioria das mulheres de sua idade. A maioria delas queria o título e a posição que isso lhes proporcionava na sociedade. Wilhelmina parecia se importar mais com os irmãos do que com ela mesma. Como filho

único, Zach não entendia essa devoção. Sua família não era calorosa ou acolhedora.

Ele respirou fundo e foi até a porta para sair de seus aposentos. Quando ele saiu, ele quase trombou com Fox. — Maldição — murmurou o marquês. — Não me diga que você deseja me mutilar também.

— Não seja ridículo — disse Zach lentamente. — Se eu fosse causar qualquer tipo de dano a você, seria muito mais destrutivo.

Fox lançou um olhar furioso em sua direção. — Perdoe-me — disse ele em um tom mordaz. — Eu ouvi corretamente?

— Você deseja que eu me repita? — Zach ergueu uma sobrancelha zombeteira. — Tenho certeza de que você ainda não está surdo devido a velhice.

O olhar de Fox poderia muito bem ter feito Zach cair morto se ele fosse um homem mais fraco. Ele teve que conter uma risada para que seu amigo não cedesse à vontade de esfaqueá-lo. O marquês endireitou-se e usou as mãos para alisar as rugas imaginárias do colete. — Se estou chegando a uma idade tão significativa, então você não deve estar longe da morte, considerando que sou vários meses mais jovem do que você.

— Fico feliz em ver que parte dessa raiva decidiu encontrar um alvo melhor para focar — respondeu Zach facilmente. — Não foi tão ruim quanto você está fazendo parecer.

— Você também estava irado, se bem me lembro — disse Fox.

— Verdade — concordou Zach. — Mas eu acho que sua raiva foi... pior de alguma forma. Eu não entendo exatamente o porquê.

— Você não ouviu o que aquele demônio me disse? — Os olhos de Fox escureceram enquanto ele falava. — Se eu não fosse um cavalheiro, a teria estrangulado.

— Não ouvi e tenho certeza de que se for tão ruim quanto você está sugerindo, também não deveria ser repetido. — Zach inclinou a cabeça para o lado e estudou seu amigo. O que havia na Srta. Christiana Neverhartt que deixou o Marquês de Foxworth nervoso? Ele teria que prestar mais atenção a eles quando estivessem perto um do outro. Seria a única maneira de discernir o problema. Fox certamente não lhe contaria nada digno de nota. — Estou feliz que você se absteve. O magistrado teria tornado nossa vida miserável e a da família dela muito, muito pior.

— De nada — disse Fox. — Depois disso não diga que nunca fiz nada por você.

— Obrigado, eu acho. — Zach riu. — Agora, se me der licença, eu tenho que me encontrar com as travessas em meu escritório.

— Certifique-se de que elas sejam punidas apropriadamente. Elas precisam entender que não podem agir de forma tão... desenfreada. Damas não nadam em suas chamises.

— Então em que nadam? — perguntou Christiana, enquanto aproximava-se por trás de Fox, com sua irmã gêmea, Carolina, ao seu lado. — Deveríamos ter entrado sem sequer um tecido em vez disso?

Fox cerrou os punhos ao lado do corpo. Ele fechou os olhos por um breve segundo e os abriu. Ele encontrou o olhar de Zach e disse: — Acho que vou me servir de seu conhaque.

Enquanto ele se afastava, Christiana o chamou: — Vá em frente e fuja, meu senhor. Está tudo bem ter medo de uma simples garota.

O marquês parou e começou a se virar, mas Zach estendeu a mão e o segurou no lugar. — Agora não é hora.

— Nunca será a hora — resmungou Fox. — Aquela ali precisa de uma boa palmada.

— E quem, por favor, diga, vai me dar uma? — Christiana o provocou. — Certamente não você.

Zach encontrou o olhar dela e ordenou: — Vá para o meu escritório agora. Já basta. — Lady Christiana precisava aprender quando manter seus pensamentos para si mesma. Ela não tinha ideia de que estava provocando um lobo, e que seus comentários poderiam ser interpretados como sexuais.

Ela abriu a boca, mas ele não lhe deu chance de falar. — Agora! Já tive o suficiente de sua tagarelice para uma vida inteira. É melhor você ir antes de dizer mais coisas das quais se arrependerá.

Christiana franziu os lábios em desgosto, mas passou por ele e Fox, com Carolina seguindo atrás dela em silêncio.

— Boa sorte — disse Fox sombriamente. — Você vai precisar com essas duas. — Com essa declaração sinistra, ele voltou para seu quarto. Ele provavelmente sentiu que seria mais seguro ir para lá após a troca com Christiana. Zach suspirou. Fox estava certo sobre as gêmeas. A reunião deles não seria nada agradável.

CAPÍTULO DEZ

AS GÊMEAS já estavam no escritório de Zach quando Billie entrou. Nenhuma das duas parecia arrependida. O que ela faria com elas? Elas eram muito obstinadas e aparentemente estavam determinadas a deixá-la louca. Ela caminhou até elas e parou ao lado da grande mesa de mogno de Zach. Cada uma das gêmeas ocupava as cadeiras de couro que ficavam próximas a ele. Ela olhou para as duas e franziu a testa. — Alguma das duas têm algo a dizer em sua defesa?

Chris deu de ombros. — Eu não vou me desculpar.

Ela soltou um suspiro frustrado. — Vocês não se importam com as consequências que suas ações podem trazer para sua família?

Felizmente não haviam bisbilhoteiros por perto que pudessem espalhar as histórias de suas aventuras. Billie não acreditava que o amigo do duque diria alguma coisa. Especialmente porque ele poderia muito bem ser uma das infelizes vítimas dos malfeitos das gêmeas. Eles poderiam ter apenas dez e seis anos, mas isso não significa que elas não poderiam ser forçados a um casamento indesejado. Felizmente, isso era uma coisa com a qual nenhuma das duas precisavam se preocupar.

— Acho que você está tornando disso um problema muito maior do que realmente é — disse Chris desafiadoramente.

Billie encarou Carly. — Você está terrivelmente quieta — disse ela. — Você tem algo a dizer em sua defesa?

Carly encolheu os ombros. — Chris já está dizendo muito por nós duas.

— Mesmo? — perguntou Zach enquanto entrava no escritório.

— Sim. — Carly guinchou a palavra.

Bem, aquilo era interessante. Pelo menos uma das gêmeas temia o que Zach poderia fazer ou dizer a elas. Billie odiava que elas estivessem tornando tudo tão difícil quando não precisava ser.

Zach sentou-se atrás de sua mesa e inclinou-se em sua cadeira. — Vou ser franco. Eu realmente não me importo com o que você tem a dizer para se defender. Realmente não importa, porque, na verdade, nenhuma de vocês realmente sente como se tivesse feito algo errado. Vocês são descuidadas consigo mesmas e com a reputação de sua família. Vocês parecem não entender a gravidade de suas ações. Nada que eu ou sua irmã dissermos penetrará em seus cérebros teimosos. — Ele juntou as mãos e entrelaçou os dedos. — Portanto, por uma questão de conveniência, dispensarei qualquer formalidade. Vocês duas irão para a escola de damas. Hoje. Ordenei que arrumassem os seus baús e os levassem para as carruagens. Vocês partirão em uma hora. Já enviei um mensageiro à frente para que saibam que devem esperar vocês duas mais cedo.

— Você não pode fazer isso! — exclamou Chris.

— Está feito — disse ele, seu tom não deu espaço para elas discutirem. — Agora, eu sugiro que vocês se preparem para sua jornada e se despeçam.

Chris olhou para ele, mas se levantou e saiu do escritório como a criança petulante que ela ultimamente estava parecendo ser. Carly

estava mais serena e taciturna enquanto seguia a irmã para fora do escritório.

— Isso era mesmo necessário? — perguntou Billie assim que as gêmeas saíram. Zach se levantou e foi até a porta e trancou-a. Billie olhou para ele perplexa com suas ações. — O que você está fazendo?

— Garantindo que não seremos interrompidos — respondeu ele suavemente. — Há algumas coisas que precisamos discutir, ou você gostaria de ir com as gêmeas? — Zach arqueou uma sobrancelha. — Você disse que queria conversar comigo depois da minha reunião com elas.

Ela tinha dito aquilo e ela queria ter uma conversa com ele. — Tenho certeza de que para isso não era preciso trancar a porta.

— Eu discordo — disse ele a ela e veio para ficar ao lado dela. — Suas irmãs são um bando de problemas. Eu gostaria de, pelo menos, alguns momentos em que elas não tivessem a chance de me deixar louco.

— Você está sendo um pouco ridículo. Elas não são tão ruins. — Ele estava certo, pelo menos um pouco, mas apenas no que dizia respeito às gêmeas. Elas foram deixadas a vontade para fazerem o que quisessem por tempo demais.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Acho que você está subestimando as habilidades delas. — Ele estreitou o olhar. — Ou na verdade você quer ajudá-las? Você acredita que, se eu estiver trancado em Bedlam, se eu for parar no manicômio, você terá liberdade sobre os meus bens?

— Você realmente pensa tão pouco de mim? — Ela suspirou. Billie odiava admitir que sua opinião sobre ela importava. Ela não queria, mas... ali estava. Uma pequena esperança de que ele realmente a visse e a aceitasse. — O que posso fazer ou dizer para

fazer você entender que não tenho planos para com a sua pessoa ou sua fortuna? — Ela odiava que ele acreditasse que ela desejaria um título e fortuna acima de tudo.

— Nada — disse ele simplesmente. Ela não acreditou nisso por um segundo. — Porque você não me deve nenhuma explicação. Mas eu gostaria de saber uma coisa.

— Hum? — perguntou ela. — O que? — Ela não tinha certeza se responderia a sua pergunta, mas estava curiosa.

— Você está carregando o filho do meu tio? — O tom dele era severo enquanto falava.

Aquilo... Ele precisa saber se ela estava *enceinte*. Billie colocou a mão na barriga. Ela não se importaria em ter um filho, mas ela não teria um tão cedo. Ela tinha que dizer a verdade a ele. — Não — disse ela simplesmente. Ela sabia essa resposta quando ele abordou o assunto pela primeira vez. Foi errado ela não contar a verdade antes.

— Bom. — Ele encontrou o seu olhar. — Eu odiaria se você estivesse grávida.

— Você deseja tanto ser um duque? — A voz dela era pouco mais que um sussurro. Ela não tinha percebido que aquilo significava tanto para ele.

— Não — disse ele suavemente. — Mas eu odeio a ideia do filho dele crescendo dentro de você. Eu o odeio. Eu odeio a ideia de ele ter te tocado ou reivindicado você de alguma forma.

O seu coração deu um salto. Mas ela não queria ter esperanças... Ela ergueu o olhar para encontrar o dele. A respiração de Billie ficou presa na garganta e ela levou a mão ao peito tentando acalmar a ansiedade que a dominava. O que ele estava tentando dizer a ela? — Eu não entendo.

— Talvez isso possa ajudar. — Ele se aproximou dela e se inclinou para frente, tocando os seus lábios nos dela em um beijo doce. O coração dela palpitou dentro do peito. Ela queria o seu beijo, queria muito, e estava feliz por ele ter ido contra sua vontade quando ela disse para nunca mais beijá-la novamente.

ZACH A QUERIA. Ele a queria tanto e ele estava cansado de lutar contra isso. Ele tinha que prová-la novamente. Um beijo não foi o suficiente. Mas ele tinha que parar. Ela pediu a ele para nunca mais beijá-la. Ele deveria ter honrado seus desejos. Ele se afastou e fechou os olhos orando por uma força que não tinha. — Minhas desculpas — disse ele com a voz rouca. — Isso não acontecerá mais.

— Não? — As palavras dela saíram ofegantes.

Ele abriu os olhos e encontrou o olhar dela. Seu coração batia forte dentro do peito enquanto ele olhava para aquelas profundezas azuis que eram aqueles olhos. O desejo refletido ali ou, pelo menos, ele esperava que fosse isso o que viu. — Eu prometi a você que não iria...

— Algumas promessas devem ser quebradas — respondeu ela. — Ao menos quando você tiver permissão para fazer isso.

Zach respirou fundo e inclinou-se para frente novamente. Ele pressionou seus lábios nos dela hesitantemente. Ele não conseguia acreditar que ela lhe deu consentimento para beijá-la. A respiração dela falhou e seus lábios se separaram, dando a ele a oportunidade de aprofundar o beijo. Quando as suas línguas se tocaram... sua mente ficou em branco de tanto prazer. Ele baixou as mãos e

colocou-as em sua cintura, em seguida, puxou-a contra ele. Seus seios pareciam incríveis contra seu peito. Zack queria empurrar seu corpete para baixo e adorá-los... adorá-la.

Ele teve que parar antes que fosse longe demais. De alguma forma, ele conseguiu afastar-se dela. Zach olhou para seu rosto corado e lábios inchados e gemeu. — Você me faz queimar.

— Isso é ruim?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não. Eu quero queimar com você até que não haja mais nada além dos resquícios de nossa paixão. Mas eu não deveria... não deveríamos. Isso é...

— É o que? — perguntou ela. Seu tom continha uma pitada de curiosidade que poderia muito bem levá-los a algum lugar que ela não queria ir.

— Você não merece ser usada. Não vou manchar você com meu desejo. Meu tio já fez isso e eu me recuso a ser como ele. — Zach odiava muito seu tio. Irritava-o o quanto ele desejava sua viúva. Aquele bastardo não a merecia. Ele ergueu as mãos e segurou sua bochecha. — Você merece alguém que te ame Wilhelmina.

— Billie — disse ela. — Por favor, me chame de Billie. Meus amigos e família me chamam assim.

— Billie — repetiu ele, testando o nome dela em sua língua. Ele passou a mão pelo cabelo sedoso dela. — Você é tão adorável.

— Você vai me beijar novamente? — perguntou ela.

— Tenho medo de que, se eu fizer isso, não conseguirei parar. — Tudo o que ele mais queria era beijá-la uma e outra vez. — Não deveríamos ficar aqui muito mais tempo de qualquer maneira. As gêmeas partirão em breve e você vai querer se despedir delas.

— Não concordo com a forma como você falou com elas — disse ela. — Mas eu acredito que elas vão se beneficiar em ir para a escola de damas. — Ela mordiscou o lábio inferior e isso o tentou.

Ele se forçou a desviar o olhar. Ele estava ficando obcecado por sua boca deliciosa. Seu olhar voltou para sua boca novamente. Ele queria morder, lamber e saborear seus doces lábios. Sua necessidade de mergulhar a língua dentro de sua boca deliciosa o estava levando à beira da insanidade. Ele tinha que encontrar outra coisa para focar sua atenção. Qualquer coisa, menos seus lábios lascivos e sua figura sedutora.

— Elas precisam de alguém que seja severo com elas. E essa pessoa não é você. — Ele se forçou a olhar para ela novamente. — Seus pais faleceram, certo?

Ela assentiu. — Eles morreram há alguns meses.

Ele franziu a testa. — E você se casou com o duque tão cedo? Você não deveria estar de luto?

Ela assentiu novamente. — Nós... eu... estava desesperada. Meu pai nos deixou em uma situação terrível. Vendemos tudo o que podíamos, mas a propriedade está falida. Antes de minha mãe morrer, ela me disse que o duque nos ajudaria. Eu não tinha previsto o custo dessa ajuda, mas... — Ela engoliu em seco.

— Você não precisa dizer mais nada. Eu entendo. — E ele realmente entendia. Ele suspeitou disso quando ela ficou mais preocupada sobre onde eles morariam e o que aconteceria com seus irmãos. Esse tinha sido o foco principal dela. O casamento era sobre sobrevivência, não status. Ele também estava começando a suspeitar que o casamento não havia sido consumado. Ela ainda não tinha dito nada que confirmasse isso, mas ele esperava que o velho tivesse morrido antes das núpcias. Isso poderia ser grosseiro e até feio de se pensar, mas era como ele se sentia.

Enojava-o o fato de ela ter que essencialmente se vender ao tio dele para proteger sua família. Se ele não estivesse cego com seus próprios preconceitos, teria percebido que algo não estava certo.

Todos os seus irmãos não deveriam viver na residência do duque. Ele tinha sido um idiota. Zach deveria ter considerado a situação em vez de fazer suposições. — O que eu estava tentando deixar claro é que elas carecem de disciplina. Eu sei que você tentou, mas você é irmã delas. Elas não vão ouvir você. Mas elas farão o que eu disser. Nenhum das duas vai gostar disso, mas elas farão. Não tenho problemas em desempenhar este papel. Eles podem me odiar o quanto quiserem e você pode continuar sendo apenas a irmã delas.

— Acho que posso viver com isso. — Ela deu um passo para trás. — Seria bom não ter mais que discutir tanto com eles.

— Você honestamente acha que não vai voltar a discutir com elas? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Você conhece mesmo as suas irmãs?

Ela riu. — Você parece que já as conhece bem mesmo em tão pouco tempo. Você tem razão. Duvido que teremos alguma paz a partir de agora. Chris não permitiria. Ela é muito teimosa. Temo que você não entenda completamente esse papel que você concordou em assumir, mas, ainda assim, eu o agradeço por isso.

— Não tem de quê. — Ele queria protegê-la, mesmo não entendendo bem o por quê. Havia algo nela que ressoava em sua alma. Mesmo quando ele queria odiá-la, ele não podia. — Acho que é hora de abrir a porta.

— Eu suponho que você está certo sobre isso também. — Ela encontrou seu olhar e parecia haver tristeza lá. — Irei me certificar de que elas estejam prontas para partir.

Ela caminhou até a porta e destrancou a fechadura, então saiu do escritório. Zach forçou-se a ficar enraizado no local até que ela partisse. Ele queria chamá-la de volta. Ele queria beijá-la de novo, mas também não faria isso. Billie merecia alguém muito melhor do que ele.

CAPÍTULO ONZE

ZACH OLHOU para seu copo vazio. Ele tinha absorvido pelo menos metade do decantador de conhaque. Ele estava considerando tomar mais. Quanto seria preciso para esquecer a sensação de Billie em seus braços?

— Sentindo um pouco de pena de si mesmo, não é? — zombou Fox enquanto inclinava-se contra a moldura da porta. — Deveria mesmo. Esse é um lote miserável que você assumiu a responsabilidade. — Ele parecia irritado novamente. Essa parecia ser a atitude da Fox ultimamente. Qualquer outra coisa estaria provavelmente fora da norma enquanto uma dama em particular estivesse por perto.

— Você ainda está com raiva de Lady Christiana?

Ele deu de ombros. — Tudo o que posso dizer é que é uma coisa boa que você decidiu mandá-la embora hoje. Salvou-a de uma morte prematura e a mim de um infeliz destino em uma cela suja ou pior. Suponho que poderiam ter me enforcado ou enviado para a Austrália pelos meus crimes. De qualquer forma... Estou aliviado por não ter que lidar com essa situação do diabrete em questão. — Ele caminhou até o lado do Zach. — Você compartilhará esse conhaque, ou será mesquinho e manterá tudo para si mesmo?

— Estou pensando em beber tudo e fazer com que você encontre o seu próprio — respondeu ele honestamente. — Creio que preciso dele mais do que você.

Ele deveria tê-la beijado de novo. Talvez então ele não teria esses arrependimentos. Zach pegou o decantador e encheu seu copo novamente. Não. Ele estava certo em manter distância.

— Você está de bom humor — disse Fox, abrindo um sorriso sarcástico. — O que está te incomodando?

— Nada. — Tudo. Ele desejava ser bom o suficiente para ela. Talvez então não pareceria tão errado beijá-la. Tomá-la... Ele grunhiu. Ele quase pensou que... Não, ele realmente pensou isso. Ele a amava. Maldição. O que ele faria com essa revelação? Nada realmente mudava com isso. Ele não poderia tê-la mais agora do que antes. Ela era boa demais para ele. Ela tinha um coração e alma puros. Ele tinha feito um monte de coisas das quais ele não se orgulhava, incluindo como ele a tratou. Suas suposições a machucaram, e ainda assim ela cuidou dele.

— Eu não creio que seja nada. — Fox agarrou o decantador antes que Zach pudesse impedi-lo. — E eu acho que você já bebeu o suficiente. Eu vou fazer um favor e ajudá-lo bebendo o restante.

Ele pegou o decantador e encheu um copo, então sentou-se no sofá próximo. — Agora que estou acomodado, por que não conta ao Fox aqui tudo sobre seus problemas? — Ele gesticulou em direção a uma cadeira próxima. — Talvez eu até ofereça alguns conselhos sábios.

Zach arqueou uma sobrancelha zombando. — Você? Me dar conselhos?

— Não fique tão surpreso. Eu solto algumas pérolas de vez em quando. E este pode ser um desses momentos. Creio que te devo uma.

Zach balançou a cabeça e pegou seu copo, em seguida, tomou um gole dele. O líquido queimou enquanto viajava goela abaixo. O que ele estava fazendo? Ele deveria contar à Fox o que estava pensando? — E o que te faz pensar que pode me ajudar?

— Eu não sei se posso — disse ele. — Mas eu estou disposto a tentar. Conte-me todos os seus problemas e se eu não puder ajudar lhe darei o conhaque de volta.

Ele suspirou. — Por que não pulamos a parte das confissões e economizamos tempo para nós dois? Dê-me o conhaque e vá embora.

— É a viúva, não é? — Fox encontrou seu olhar e tomou um gole de seu conhaque. — Você não resistiu e seduziu ela não é?

Se ao menos... — Não, eu não a seduzi.

— Mas você quer seduzi-la — afirmou Fox.

Ele queria. Zach queria tirar cada peça de roupa dela e fazer amor com ela várias e várias vezes. — Eu não disse tal coisa.

— Você nem precisa dizer. É óbvio e tem sido desde que você colocou os olhos em sua beleza. Você a quer. Então, o que está te impedindo?

A consciência dele. Zach não acreditava que ele tinha uma até conhecer Billie, mas ela despertou um lado dele que ele nunca tinha tido antes. Ele... se importava com ela. — Eu não vou seduzi-la.

— Que pena. Isso poderia resolver todas os seus problemas.

— O que você sabe dos meus problemas? — perguntou Zach. — Por que você ainda está aqui? Eu pensei que você iria embora.

— Isso foi antes de você enviar os demônios para longe. Agora é seguro permanecer aqui, e como não tenho preocupações urgentes, pensei em ficar um pouco mais. Você deveria estar agradecido por eu ainda estar aqui. O que mais você faria se eu tivesse partido?

— Tendo um pouco de paz e tranquilidade. — Ele encarou Fox. — E todo o meu conhaque para mim mesmo.

— De fato. — Fox terminou o conhaque em seu copo. — Mas nem de perto seria tão divertido. — Ele sorriu. — Tudo bem, vou te dizer o que acho, se é que vá fazer alguma diferença. Vá encontrá-la. Diga a ela como você se sente e deixe-a decidir se ela quer você ou não.

— Você acredita que é tão simples assim? — Zach duvidou muito que poderia ser. Ela poderia até desejá-lo, assim como ele a desejava, mas ela não era capaz amá-lo. Ninguém realmente era capaz de amá-lo. Pelo menos não de uma forma que importasse. Ele tinha bons amigos, como Fox, com quem ele sempre poderia contar, mas era isso. Ninguém mais se importava em amar Zach.

— É, se você permitir que seja. — Fox suspirou. — Está tão claro quanto a luz do dia como você se sente sobre ela.

— Não, não está.

— Para quem te conhece está sim — insistiu Fox. Ele ficou de pé e olhou para Zach. — Pare de lutar contra seus sentimentos, meu amigo. Diga a ela, e eu estou disposto a apostar que você vai se surpreender com sua resposta. — Com essas palavras Fox o deixou em paz e deu a Zach muito o que considerar.

BILLIE ESTAVA SENTADA no jardim olhando para o céu noturno. As gêmeas tinham ido embora e o castelo estava bem mais tranquilo por causa disso. Damon partiria para Eton no final da semana. Com isso, só restaria ela e Teddy. Zach queria que Teddy tivesse uma temporada e Billie queria isso para ela também. Ela esperava que a

irmã não recusasse esse presente. Ela odiava a atenção, mas deveria ter a chance de descobrir o amor.

— O que você espera encontrar?

Ela virou-se ao som da voz de Zach. — Eu não tinha ouvido você se aproximar.

— Você parecia absorta nas estrelas — respondeu ele. — Eu quase não a importunei.

— O que fez você mudar de ideia? — Ela encontrou o olhar dele. Ele era tão bonito e olhar para ele fez seu coração acelerar. Zach tinha sido tão gentil e amável ultimamente. Ele não mais olhava para ela com escárnio, mas ela queria algo mais dele. Ela queria que ele a amasse. Em algum lugar ao longo do caminho ela tinha entregado a ele o seu coração. Quando ele a beijou mais cedo, ela queria confessar isso. Ela se conteve porque temia sua resposta.

— Há algo que eu preciso dizer a você. Eu tenho que fazê-lo agora, ou nunca terei coragem — disse ele. Ela ficou de pé e começou a caminhar em direção a ele. — Não, não se aproxime. Se você se aproximar mais, eu vou beijá-la e não direi as palavras.

— Eu gosto quando você me beija.

Ele contraiu os lábios. — Eu gosto de beijar você também.

Ela sorriu. — Agora que estabelecemos isso, por que você não me beija?

Ele fechou os olhos e inspirou profundamente. — Você está me provocando, pequena raposa.

— Bom — disse ela e deu um passo à frente. — Eu quero provocá-lo. — Ela diminuiu a distância entre eles e colocou uma mão em seu peito. — Eu quero que você me beije. Me faz sentir bem.

— Isso é tudo que você sente? — Sua voz estava rouca enquanto falava.

— Não — disse ela baixinho. Ela tinha medo de dizer mais. E se ele não sentisse o mesmo que ela? E se isso fosse outro erro? O risco parecia muito grande e ela já tinha feito muitas coisas das quais se arrependia. Ela não queria se arrepender de tê-lo conhecido ou de como se sentia sobre ele.

Ele ergueu as mãos e segurou sua bochecha. — Você poderia algum dia me amar?

Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou ele. — Por que você acha que isso é tão impossível? — Billie tinha que entender o que estava passando por sua mente. Era a única maneira de eles terem algo real e ela queria isso. Zach era um homem a quem ela podia se entregar totalmente.

— É difícil de explicar. Eu mesmo mal entendo... Mas ninguém nunca me amou. — Parecia doer-lhe admitir isso para ela. Ela queria puxá-lo para os seus braços e confortá-lo. O coração dela doeu por ele. — Eu não achava que isso importava. Trabalhei duro e construí minha fortuna. Fingi que poderia viver sem que me amassem ou sem amar outra pessoa, mas quando te conheci... — A respiração dele ficou presa em sua garganta e ele quase se engasgou com isso. — Eu não consegui evitar. Eu estava apaixonado antes mesmo de saber o que era o amor, mas estar com você... isso me faz acreditar no impossível.

— Meu querido, doce tolo — disse ela. — O amor não é algo impossível. Não se você se abrir para ele. Você é muito amável, mesmo quando está sendo grosseiro.

— Eu te amo — confessou ele. Todas as emoções dele refletidas em seus olhos. — Eu não quero viver sem você. A ideia de continuar respirando sem ter você ao meu lado é mais do que eu consigo suportar. Quero passar o resto da minha vida te amando,

provando que você é a única para mim. Por favor, seja minha para sempre.

— Eu amo você — disse ela. Esse era o risco. A verdade que ela estava escondendo por medo que isso só o afastaria mais dela. Ela estava se apaixonando por ele desde o momento em que se conheceram. Mesmo quando ela estava frustrada com sua arrogância ela o queria. Então ela cuidou dele enquanto ele estava doente... isso a ajudou a vê-lo de forma diferente. — Casei com aquele velho para proteger minha família. Nunca fiquei tão aliviada do que quando ele morreu antes de termos nossa noite de núpcias. Estou feliz que eu posso ter uma noite de núpcias real com você. — Ela sorriu para ele. — Eu deveria ter dito antes que não havia possibilidade de eu estar grávida. Ele nunca teve a chance de plantar sua semente em mim. Ele morreu antes disso. Eu suponho que é horrível da minha parte estar feliz que ele está morto, mas eu não vou pedir desculpas por isso.

Ele riu. — Ninguém está mais feliz por sua morte do que eu. O bastardo deveria ter morrido há séculos e eu estou feliz que ele não tocou em você também. — Zach se inclinou e pressionou seus lábios nos dela. — Mas se ele tivesse, isso não mudaria o que eu sinto por você. Por favor, diga-me que você sabe disso.

— Eu sei — disse ela. — Nós dois fizemos suposições um sobre o outro. Nós não nos conhecíamos na época. Algumas coisas levam tempo para se revelarem. Teremos uma vida inteira para descobrir tudo um sobre o outro.

— Então você vai se casar comigo?

— Isso é uma proposta? — perguntou ela, em seguida, riu. — Pois eu não ouvi uma pergunta.

Zach ficou de joelhos diante dela. — Wilhelmina, Billie, amor da minha vida. Por favor, seja minha duquesa, minha esposa e a única

mulher dona do meu coração para sempre. Case-se comigo e passe o resto de seus dias ao meu lado. Eu prometo que você não vai se arrepender.

— Claro que aceito — Ela se inclinou e pressionou seus lábios nos dele. — Agora levante-se e me dê um beijo de verdade.

Zach fez o que ela pediu. Ele prometeu fazê-la feliz pelo resto de sua vida. O que seria fácil, já que amá-la, beijá-la, e fazer o que ela quisesse, era o que ele mais desejava também.

EPILOGUE

BILLIE CASOU-SE com Zach exatamente uma semana depois que ele fez o pedido. Eles teriam se casado antes, mas o Arcebispo precisou de várias razões para convencer-se a conceder-lhes uma licença especial. Era raro que uma licença especial fosse concedida. Dinheiro e um pouco de persuasão de Zach tinha feito o truque.

A paz reinava no Castelo de Graystone. Teddy estava se preparando para a temporada. Houve várias viagens à modista e um monte de resmungos da parte da sua irmã, mas ela estava sendo complacente. Zach insistia que Teddy precisava de uma temporada e se no final ela ainda não quisesse se casar ele compraria uma casa para ela e lhe daria uma pensão anual. Billie acreditava que essa era a única razão pela qual Teddy tinha finalmente cedido. Ela agora tinha um objetivo. O primeiro baile dela seria mais tarde naquela noite. Billie estava animada mesmo que sua irmã não tivesse o mínimo de entusiasmo. A última prova do seu vestido seria em uma hora na modista.

Ela sorriu. Billie adorava sua irmã, mas ela não entendia por que ela não queria construir sua própria família. Billie tinha um segredo. Um que ela ainda tinha que compartilhar com o marido, mas ela pensou que talvez essa fosse a hora. Ela caminhou lentamente pelo corredor e em direção ao seu escritório. Uma vez lá, ela inclinou-se contra a moldura da porta e estudou-o. As mechas de ouro vermelho em seu cabelo castanho brilhavam na luz do sol que entrava pela janela. Ele estava focado no livro em sua mesa e então ele franziu a testa.

— É tão ruim assim? — perguntou ela.

Ela ergueu a cabeça e encontrou o olhar dela. A carranca se dissipou e um sorriso perverso substituiu-a. — Você veio para me

distrair do trabalho? Se assim for, eu aprovo. — Ele deu um tapinha no colo. — Venha aqui e beije-me.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Não sei. O que você fez para merecer um beijo?

Ele mexeu as sobrancelhas. — Passei a manhã dando-lhe o maior prazer que você já experimentou.

— Mesmo? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Quem te contou isso?

— Você — informou ele. Havia humor em seu tom enquanto ele falava. Os dois eram tão felizes juntos. Ela não acreditava que isso fosse possível entre um homem e uma mulher. Os pais dela não tinham sido exatamente os melhores modelos. — Você disse. Várias vezes, na verdade.

— Eu não me lembro disso. — Ela caminhou vagarosamente através do escritório. — Mas eu creio que você mencionou algo sobre eu ser um anjo. Certamente os anjos não são capazes de tal perversidade. — Ele tinha confessado que quando estava transtornado com a sua doença que ele pensou que ela era um anjo. Que isso o acalmou e o ajudou a melhorar. Billie não era nenhum anjo e disse-lhe isso, mas ele disse-lhe que ela sempre seria o anjo dele, e ela esperava que ela não o desapontasse um dia.

— Você é o meu anjo perverso. — Ele levantou a mão e balançou o dedo para ela. — Agora venha aqui. Não me faça persegui-la. — Aquela não parecia uma má ideia...

— Isso parece divertido. — Ela riu como uma adolescente boba. Ele fazia isso com ela. A enchia com tanta felicidade que aquilo transbordava dela. — Por que não vemos quanto tempo você leva para me pegar? — Billie ergueu as saias e correu.

Não demorou muito para ele se levantar e ir atrás dela. Ela correu para as escadas e todo o caminho até o topo. Seus pés batiam com força contra os degraus enquanto ela corria. Sua respiração ficou mais pesada a cada passo que ela dava. Zach não estava muito atrás dela agora. Ele a alcançaria em breve, mas ela estava determinada a chegar o mais longe possível antes disso. Billie se concentrou em seus passos querendo ter certeza de que ela não escorregasse e caísse dos degraus. Aquilo poderia acabar em um desastre. Ela chegou ao topo e, em seguida, começou a percorrer o corredor em direção aos aposentos da família. Ele a pegou quando ela entrou no corredor dos quartos. Ele a ergueu e a jogou sobre o ombro. — Bom que você está indo em direção à nossa cama. Lá parece um bom lugar para você receber suas palmadas por ser travessa. — O rosto dela corou com o tom sugestivo dele. Seu corpo inteiro foi tomado por um interminável desejo.

Ele a levou para o quarto e, em seguida, colocou-a de pé. — Não sei o que eu faria sem você. Minha vida faz mais sentido com você nela. Você é o meu tudo.

O coração dela aqueceu. — Espero que você tenha espaço para mais do que eu. — Billie colocou a mão na barriga. — Porque logo não seremos só nós.

Zach olhou para a mão dela. — Tem certeza? — Sua voz falhou um pouco enquanto ele falava.

— Sim — disse ela. — Esperei até que estivesse certa. Pela minha estimativa, estou com aproximadamente três meses. — Billie sorriu. — E Zach...

Ele ainda estava paralisado olhando para o estômago dela. Finalmente, ele encontrou o seu olhar. — Sim?

— Espero que isso te deixe feliz. — Ela mordiscou o lábio inferior. Agora ela estava incerta. Eles não tinham discutido ter filhos, mas eles não tinham feito nada para preveni-los também.

— Estou feliz — disse ele. — Juro que estou. Eu só estou... surpreso. — Ele tinha ficado um pouco pálido, então ela entendeu. Billie tinha tido mais tempo para acostumar-se a sua condição. Ele se acostumaria com isso com o tempo.

Oh, meu Deus... — E tem mais uma coisa. — A próxima parte poderia assustá-lo um pouco. Especialmente depois de lidar com o irmão dela e as gêmeas. Eles davam bastante trabalho, mas agora estavam todos na escola. Damon estava em Eton. Ele tinha decidido separar as gêmeas também. Christiana tinha sido enviada para uma escola na Escócia e Carolina estava no País de Gales.

— O que mais poderia haver? — Ele parecia confuso e ela não o culpou. Ela estava sendo enigmática, em parte por medo. Ela não sabia como ele lidaria com as notícias que ela tinha que transmitir.

— Gêmeos... — Ela respirou fundo. — São comuns na minha família, e bem, há uma possibilidade... — Billie rezou para que isso não o assustasse. Suas irmãs já davam muito trabalho em um dia bom. Elas tinham a habilidade de tirar a paciência de um santo, e seu marido não era santo. Ela o amava, mas isso não significava que ela não o entendia.

Ele fechou os olhos e gemeu. — O Senhor nos ajude. — Ele a puxou para seus braços. — Eles serão nossos e vamos recebê-los com amor. E isso é tudo o que importa. — Ele deu um beijo nos lábios dela. — E se eles se tornarem diabretes vamos fazer com que Christiana cuide deles. Isso serviria de lição nela.

Ela riu. Serviria... realmente serviria.

Billie inclinou a cabeça para cima. — Nesse caso... posso tentá-lo com um cochilo da tarde? — Ela deu uma piscadela. — Estou

tão... cansada.

— Minha raposa libertina — disse ele enquanto a carregava e a levava para a cama. — Não há nada que eu queira mais.

A vida poderia ser melhor do que isso? Billie achou que não, enquanto se perdia na paixão dos beijos do seu duque e deleitava-se do amor que compartilhavam.

SOBRE A AUTORA

Autora mais vendida do USA TODAY, DAWN BROWER escreve romances históricos e contemporâneos. Ela sempre teve a cabeça cheia de histórias, mas nunca imaginou que poderia fazê-las ganhar vida. Essa criatividade finalmente encontrou uma saída.

Quando criança, ela era a única garota de seis filhos. Ela é mãe solteira de dois garotos adolescentes, não há um único momento de tédio em sua vida. Ler livros é o seu passatempo favorito e ela adora todos os gêneros.



LIVROS DE DAWN BROWER

Únicos

Pérola Rara

Deadly Benevolence

Desejando um Beijo

O Beijo da Cigana

Um Beijo de Neve

Kindred Lies: Sangue e Mentiras

Diamonds Don't Cry

Begin Again

Você Estará Lá

Melhor como Memória

Não Deixar Ir

Legado Perpétuo

The Legacy's Origin

Fascinando o seu Patife (Ligados Através do Tempo – Livro 11)

O Escândalo Encontra o Amor

Ame Apenas a Mim (Amanda Mariel)

Encontre-me, Amor (Dawn Brower)

O Beijo da Cigana (Dawn Brower)

Se for Amor (Amanda Mariel)

As Probabilidades do Amor (Dawn Brower)

Beijos de Sorte (Dawn Brower)

Acredite no Amor (Amanda Mariel)

Sorte no Amor (Dawn Brower)

Bluestockings Defying Rogues

O Conde de Harrington

O Segredo de Lady Hoyden

Um Beijo Arrebatador

Conde Encrencado

Todas as Damas Amam Coventry

Um Conde Escandaloso a Menos

Em breve:

Confessions of a Hellion

The Vixen in Red

Família Marsden

Uma Joia Imperfeita

Um Anjo de Cristal

Preciosa Lily

Diamante de Fogo

O Rubi Oculto

Uma Pérola Descartada

Descendência Marsden

Anjo Rebelde

Seduzindo uma Princesa Americana

Apaixonada pelo Espião Americano

Como Beijar uma Debutante

Novak Springs

Febre da Vaqueira

Prova Suja
Busca Desenfreada
Jogos Sensuais
Tentação Natalícia

Ligados através do Tempo

Salva pelo Meu Canalha
Em Busca do Meu Malandro
Seduzindo meu Libertino
Entregue ao meu Espião
Enfeitiçada pelo meu Sedutor
Levada pelo meu Patife
Tramando com o meu Duque
Separada do meu Amor
Escandalizada com o meu Príncipe
Em Busca do meu Malandro

Heart's Intent

Um Coração para Dar
Corações Desvelados
Coração do Momento
Um beijo de Adeus no meu Coração
Heart in Waiting

Broken Curses

A Princesa Encantada
O Cavaleiro Encantado
The Magical Hunt

Ever Beloved

Para Sempre o meu Conde

Always My Viscount

Infinitely My Marquess

Em breve

Eternally My Duke

Kismet Bay

Once Upon a Christmas

New Year Revelation

All Things Valentine

Luck at First Sight

Endless Summer Days

A Witch's Charm

All Out of Gratitude

Christmas Ever After

COMO BEIJAR UMA DEBUTANTE

DESCENDÊNCIA MARSDEN LIVRO QUATRO
DAWN BROWER



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DAWN BROWER

COMO BEIJAR
UMA
Debutante





CAPÍTULO UM



Novembro de 1922

ALETHA DEWITT PUXOU o casaco para perto do corpo enquanto caminhava pela sede da Carter Candy. O avô materno era o dono e presidente da companhia multimilionária. A mãe, Esther Carter Dewitt, era a única herdeira. O avô, Phillip Carter, vem de uma longa linhagem de machistas que acreditam que lugar de mulher é ao lado do marido ou tomando conta dos filhos. Então, mesmo a mãe de Aletha sendo a única filha do avô, Esther nunca assumiria o controle da empresa. Ela iria ou para o pai de Aletha ou para o irmão, Christian Dewitt. Não que a mãe mostrasse qualquer interesse na companhia... Aletha não conseguia entendê-la.

O pai, Thomas Dewitt, estava afundado até o pescoço com a empresa da própria família. Então, era provável que ele fosse passar a Carter Candy Company para Christian. O fato de o pai estar treinando Christian para assumir a Dewitt Enterprises não importava. O pai era feito da mesma cepa que o avô. Ele jamais pensaria nela para assumir qualquer parte dos negócios. E era por isso que Aletha esperava fazer o avô mudar de ideia sobre as mulheres se envolverem nos negócios.

Ela subiu as escadas. Tinham instalado um elevador no prédio, mas Aletha o achava pequeno, fechado e... desconfortável. Havia algo naquelas engenhocas que parecia pouco inseguro. Levaria bastante tempo para confiar nelas. Além do mais, o prédio só tinha três andares. Não levou muito tempo para subir e logo chegou ao último andar, onde o escritório estava localizado.

Aletha estava um pouco ofegante quando chegou lá. Normalmente, ela não se excedia a esse ponto. Reservou um minuto para poder recuperar o fôlego, então passou as mãos pela saia. Não faria nenhum bem abordar o avô estando descomposta. As fortes opiniões dele também incluíam a aparência alheia. Quase podia ouvi-lo em sua cabeça. *“Jovens damas não saem em público usando roupas velhas ou amarrotadas. É uma falha na criação ser vista em tal estado de desleixo.”*

Ela revirou os olhos mentalmente. A forma antiquada com que o avô via tudo era o primeiro problema. Convencê-lo a dar a ela, uma mulher ignorante e inferior, uma chance seria difícil, para dizer o mínimo. Talvez estivesse prendendo suas esperanças e sonhos em algo que seria impossível de acontecer. Mas precisava pelo menos tentar.

— Estou pronta — disse a si mesma. Talvez se repetisse as palavras vezes o suficiente, começasse a acreditar nelas. Ela foi até o escritório. A porta estava aberta. Aquilo facilitaria as coisas um pouco. Aletha ergueu a mão e bateu na soleira da porta. O avô ergueu os olhos e olhou para ela.

Phillip Carter tinha o cabelo prateado cheio de toques brancos. Parecia seda prateada salpicada de neve. Os olhos eram azuis claros como o gelo e combinavam com as madeixas nevadas. Ele poderia congelar uma pessoa só com o olhar. E, quando a viu à porta, aquele olhar não se aqueceu nenhum pouco. Ninguém era

poupado da atitude fria, especialmente a família. Ele se recusava a ser carinhoso, não importava a razão. Sob alguns aspectos, Aletha o respeitava por aquilo, mas, na maior parte do tempo, desejava ter um avô mais caloroso.

— Oi, avô — disse ela, e então entrou no escritório.

O nervosismo a invadiu quando ele sequer se deu ao trabalho de cumprimentá-la. Continuou a encará-la como se esperasse algo dela, mas ela não sabia o quê. Foi invadida pelo desejo de tagarelar, mas não se entregaria. Se o fizesse, só mostraria ao avô o quanto ele estava certo sobre considerá-la inferior. Em vez disso, ela adentrou, lentamente, o escritório e manteve as costas retas. Não demonstraria fraqueza.

Finalmente, ele baixou a caneta e suspirou.

— O que é agora, Aletha?

Por que ele presumiu automaticamente que... afastou aquele pensamento antes mesmo que ele terminasse de se formar.

— Gostaria de falar com o senhor sobre o meu futuro.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não acho que tenha muita coisa a discutir. Você encontrará alguém de sangue azul com quem se casar, ter um filho ou dois, talvez tomar parte em um ou dois trabalhos de caridade. O que há para falar sobre isso?

Não reviraria os olhos.

— Que... antiquado — gracejou ela. O pensamento do avô era completamente absurdo. — Pensei em contribuir com algo além de crianças para o mundo. — O quão tediosa ele esperava que a sua vida fosse?

— O que mais você poderia fazer? — Ele deu de ombros. — É o seu destino.

— Essa é uma nova era, avô. As mulheres têm mais direitos, mais voz, do que tinham no passado. A 19ª emenda garantiu esse direito. Prefiro pensar que isso mostra que as mulheres valem mais do que por sua habilidade de dar à luz. Várias mulheres lutaram pelo direito ao voto, para terem o controle da própria vida.

— Não estou vendo o que isso tem a ver com o *seu* futuro — rebateu o avô. Ele tinha um tom arrogante. — Esse tipo de coisa é para outras mulheres. Você é uma debutante. A sociedade tem outras expectativas para você.

Ela jogou as mãos para o alto, frustrada.

— É contra esse tipo de atitude que elas lutaram. Quero uma oportunidade de provar que sou mais que um rosto bonito com um dote polpudo.

— Por que se dar ao trabalho? — Ele pegou a caneta e começou a escrever. Era óbvio que o avô não queria dar continuidade àquela discussão. — No final você ainda terá que se casar e ter filhos para ocupar o seu tempo. É nisso que as mulheres são melhores.

Aletha estava cansada de ouvir aquele arremedo de desculpa. Ela suspirou e pediu por paciência. Nada daquilo era novidade. Poderia lidar com a situação. Ela *iria* lidar com a situação.

— Tenho uma proposta para fazer. Gostaria que o senhor a levasse em consideração.

— Não tenho tempo para isso — disse ele, tentando dispensá-la.

— Avô — disse ela, contundente. — Ouça o que tenho a dizer. Do início ao fim. Se quando eu terminar o senhor achar que não dará certo, então irei embora e nunca mais tocaremos no assunto.

Ele deixou escapar um suspiro contrariado.

— Certo. Eu vou ouvir, mas não farei promessas.

É claro que ele não faria.

— Não esperava menos do senhor.

— Pare de enrolar, menina. Tenho coisas importantes a fazer. Diga o que tem a dizer e vá embora.

— Tenho ideias que podem contribuir para a empresa. Dê-me uma chance para provar que tenho bom tino para negócios. Se eu falhar...

— Se você falhar, nós perderemos dinheiro — ele a interrompeu. — Esse não é um risco que estou disposto a correr.

Ela queria bater o pé e gritar. Por que ele não lhe dava uma chance? Se fosse Christian, ele daria um tapinha nas costas dele e diria maravilhas sobre as ideias que ele teve.

— Acho que podemos abrir uma filial na Inglaterra — prosseguiu com a proposta, e ele podia muito bem ouvir. — Em vez de enviar os doces por navio e perder o frescor que oferecemos aqui. O custo...

— Seria astronômico — disse ele. — Precisaríamos de uma nova fábrica, maquinário, empregados... Pode levar meses, até mesmo anos, para termos algum lucro.

— Mas assim que o tivermos, será dos bons. Penso que é um risco que colocaria a Carter Candy Company acima de outras fábricas. — *Por favor, permita que ele veja que a ideia pode dar certo.*

— Não estou dizendo que é uma boa ideia — começou ele. — Mas estou disposto a pensar no assunto. Você vai para aquele casamento com a sua família. Enquanto estiver lá, sonde localizações. Encontre um advogado e descubra o que é necessário para fazer a ideia dar certo. Isso é só uma possibilidade sem nada para respaldá-la. Preciso de mais informação antes de sequer considerá-la.

Aletha quase pulou de alegria. Mas não mostraria nenhuma emoção.

— Eu consigo.

— Agora vá — disse ele, enquanto acenava para ela. — Você já me interrompeu o bastante por hoje.

Ela não se daria ao trabalho de responder àquela declaração. Ele estava lhe dando uma chance para provar que ela poderia ser uma boa adição à empresa. Iria se certificar de que ele a visse como algo mais do que o seu gênero.

DOIS DIAS DEPOIS...

Aletha fechou a tampa do baú e o trancou. Viajariam para a Inglaterra amanhã, para o casamento de William Collins e Victoria Grant. Ainda não entendia por que eles decidiram se casar no Natal e na Inglaterra. William era um americano que vivia em uma plantação na Carolina do Sul. Ele não iria se mudar para a Inglaterra mesmo a futura esposa sendo de lá.

— Já está com tudo pronto?

Aletha olhou para trás e viu a mãe.

— Estou.

— Ótimo — disse Esther Carter Dewitt. — Agora venha até a sala de estar. Precisamos falar sobre algumas coisas.

Aletha gemeu. Conhecia aquele tom. A mãe tinha planejado lhe passar um sermão. Tinha a sensação de que teria algo a ver com a visita que fez à Carter Candy Company.

— Descerei em breve.

— Não — disse a mãe. — Você virá agora.

Não haveria como detê-la. Aletha suspirou e a seguiu. Ela desceu as escadas e entrou na sala de estar. Uma criada estava

parada perto de um carrinho de chá.

— Isso é tudo, Matilda. Nós mesmas serviremos o chá. — A mãe fez um gesto de dispensa com a mão. — Aletha, faça a gentileza de nos servir.

É claro que não seria a mãe a servir. Ela não fazia nada por conta própria caso pudesse evitar. Aletha foi até o carrinho de chá e serviu a bebida. Colocou um torrão de açúcar em uma xícara e a entregou à mãe, então preparou uma para si. Colocou um pouco de leite e então se sentou no sofá. Bebericou o chá e esperou até a mãe começar a falar.

— Seu avô passou aqui mais cedo. Ele disse algum disparate sobre você querer ter um papel ativo na empresa. — A mãe bebeu o chá. — É claro que ele está enganado. Por que você quereria fazer algo que deve ser feito pelos homens?

Deveria saber que a mãe não gostaria que ela trabalhasse.

— Eu gostaria. — Ela bebericou o chá. — Meu avô concordou em me dar uma chance. Não irei desperdiçá-la.

— Gostaria que você pensasse melhor. — A mãe a prendeu com o olhar. — Essas coisas não são feitas na nossa família.

— Nada do que a senhora disser me fará mudar de ideia. — Ela pregou um sorriso no rosto. — É o que eu quero.

A mãe franziu os lábios em desgosto.

— Certo. Não discutirei sobre isso com você. De qualquer forma, é muito improvável que o projeto consiga chegar a qualquer lugar. Seu avô não é do tipo que permite que mulheres trabalhem na empresa. Tenho certeza de que ele só está fazendo a sua vontade, mas não pretende acatá-la.

Aletha temia que ela estivesse certa, mas ainda precisava tentar. Tinha que haver uma forma de ele ver o quanto aquilo era importante para ela. Talvez conseguisse arranjar algo extra especial

no casamento. Haverá pessoas importantes lá. William Collins tinha conexões com a alta-sociedade inglesa. Ele tinha familiares com parentescos com duques. Devia haver um jeito de encantá-los.

— De qualquer forma, eu vou seguir em frente — disse ela. — Estou feliz por a senhora não interferir.

— Não sei como conseguirá tempo. É Natal e iremos ao casamento. Não haverá muito tempo para trabalhar enquanto estivermos lá.

Ela estava certa. Não haveria muito tempo livre. Aletha daria um jeito. Quando havia uma vontade, havia uma chance. Ainda não tinha concluído as compras de Natal. Por sorte, havia muitas lojas maravilhosas na Inglaterra. Terminou o chá e colocou a xícara na mesa.

— Se me der licença, mãe. há algo que preciso fazer antes de partirmos. — Tinha uma ideia para o casamento, mas não sabia se seria possível. A fábrica teria que funcionar mais tempo para o que tinha em mente. Mas se conseguisse... seria perfeito para a recepção do casamento. Seria algo que os convidados jamais esqueceriam...